



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES

Rafaella de Sousa Silva

SER OU NÃO SER? NÓDOAS DE MASCULINIDADE NA
CUBATI CONTEMPORÂNEA

CAMPINA GRANDE - PB

2008

Rafaella de Sousa Silva

**SER OU NÃO SER? NÓDOAS DE MASCULINIDADE NA CUBATI
CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de Licenciatura Plena em História por Rafaella de Sousa Silva, concluinte do período 2007.2.

Orientadora: Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcante .

CAMPINA GRANDE – PB

2008

TERMO DE APROVAÇÃO

Rafaella de Sousa Silva

SER OU NÃO SER? NÓDOAS DE MASCULINIDADE NA CUBATI CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de Licenciatura Plena em História por Rafaella de Sousa Silva, concluinte do período 2007.2. Orientadora: Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcante.

Examinadores:

Orientadora: Prof^a Ms. Silêde Leila Oliveira Cavalcante

Prof^a Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Prof^o Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande – PB

2008



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

Estou catando conchinhas em dia de maré cheia! Muitas – belas e especiais – consegui aqui capturar e trazê-las para junto de mim; outras, as águas levaram e mesmo assim fazem falta.

As conchinhas capturadas vão estar aqui presentes, através de seleções que fiz e fizeram por mim (as águas). Mas, para ambas, as que estão aqui e as que não mais estão meus sinceros agradecimentos.

Agradeço a Deus pelas maravilhas que me concede *estar junto*; à minha mãe, Benvinda Ataíde, sempre bem vinda nos lugares por onde passa, pela luz que carrega consigo; ao meu pai, José de Anchieta, por tudo que representa em minha vida. A ambos, meu agradecimento por serem educadores nas escolas e na vida. Eu vos amo! Vocês são a maior parte que completam esse mosaico aqui... Juntamente com Nêu e Dani; irmãos maravilhosos...

A Ronny Wesley, meu companheiro de alguns aninhos... Que mesmo sem entender algumas das angústias que a academia nos proporciona, sei que está sempre torcendo por mim; obrigado por existir, e fazer-me dá boas risadas, *estar junto* quando chegava preocupada da Universidade...

Mas, me permitam prosseguir... Há muitas outras conchas a se contar. Obrigada vó Alzira, que mal fez a 3ª série primária, e torce por mim para que saberes e oportunidades se multipliquem. Às minhas tias e tios, e olhem que são muitos, que direta ou indiretamente torcem por mim – alguns – na surdina, na invisibilidade; “outros” explicitamente como tia Betânia, Arlinda... Assim como minha tia-madrinha Maria do Carmo! Está parecendo reunião em família? Tantos outros nomes estão permeando estas entrelinhas, espero que sentindo minhas emoções e considerações.

Aos companheiros sofridos dos transportes de estudante, que ora nos serviam muito e ora tornavam-se fantasmagorias... Falo aqui em Michele em nome de todos. E das muitas histórias nesses últimos anos...

Que venham outras conchas, hoje mais distantes... Mas que caminhamos juntas ao menos nos primeiros instantes, a saber, a turma 2003.1, lembrando, em especial, Paloma, companheira de tempos mais afobados e menos exigentes. Tempo dos dezessete anos entrando nesse mundo grande de universidade.

Agora é o tempo das conchinhas mágicas, do brincar e do falar sério... A saber, Gizele Siqueira, Valquíria Lopes e Danielle Dorneles, que estavam espalhadas em três cidades

diferentes, mas quando juntas... Mostravam-se *juntas!* Que realizações múltiplas caminhem conosco!

A Fábio Gutemberg (in memorian) pelo aviso: Escreva. Seus textos são bons, e podem ir além das disciplinas Paraíba I e II, podem ser a própria monografia, quando aglutinados os retalhos, quase me convence em tudo, pois aqui estou escrevendo, mudaram-se apenas os retalhos...

À UFCG e a todas as emoções que me permitiu e permite experimentar. Aos tantos professores e colegas que as águas nos distanciaram, felicidades! *Estamos* perto de alguma forma.

O Júnior, que nos últimos momentos chegou a ser meu professor; momentos curtos e bem aproveitados, com intenções do bem e convites enriquecedores... Obrigada pela compreensão... Tudo dito aqui é pouco.

À minha querida orientadora, que me fez carinhosamente c-a-m-i-n-h-a-r por lugares ricos, de múltiplas escolhas, caminhadas sempre do bem, prazerosas, enriquecedoras, sabidas e reconhecedoras. Em uma relação de cumplicidade saudável e amiga, que para agora – e talvez em outros momentos – ainda vai *estar* naquele espaço indizível interior ao sujeito... Muitíssimo obrigada!

Esses últimos momentos de escrituração, rápidos por motivos que perpassam a relação aluna-orientadora, representam um estado relacional de acolhimento e proteção, que merecem agradecimentos sinceros e felizes (tinha que acontecer, e já que era inevitável...), que bom que esses momentos angustiantes foram menos tortuosos por poder contar com você. Que um mundo de boas energias entrecruzem ininterruptamente seus caminhos...

Agradeço à Regina e Iranilson (examinadores da banca); saibam que vivenciam um momento muito especial para mim. Obrigada pela compreensão e aceitação do convite para estar aqui.

Obrigado meu Deus por me permitir estar aqui... E vivenciar esse momento ímpar na minha vida!

Esse estudo é dedicado aos homens e mulheres,
que a partir de seus relatos,
nos concederam fragmentos de suas vidas e com isto,
parte das ferramentas que serviram-me na construção
de uma história do gênero masculino em Cubati-PB.

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,
Uma resposta provoca uma centena de perguntas.
Mais importante do que a poesia é o resultado,
Um poema invoca uma centena de atos heróicos.
Mais importante do que o reconhecimento é o seu resultado,
O resultado é dor e culpa.
Mais importante do que a procriação da criança é a criança.
Mais importante do que a evolução da criação é a evolução do criador.
Em lugar de passos imperativos, o imperador.
Em lugar de passos criativos, o criador.
Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos
E colocar-te-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
E tu ver-me-ás com os meus.
Assim, até a coisa comum serve o silêncio
E nosso encontro permanece a meta sem cadeia:
O lugar indeterminado, num tempo indeterminado,
A palavra indeterminada para o homem indeterminado.

Traduzido de “Einladung zu einer Begegnung”, por J. L. Moreno.

RESUMO

O estudo que aqui se desenvolve, pensa e repensa a partir de um instrumental interdisciplinar, multicultural, flexível, híbrido e aberto; pelo qual tratamos de operacionalizar as construções – por ora – interessantes à pesquisa-produção. Que por sua vez, trás por eixo discursivo a *masculinidade*, que passa a ter existência no emaranhado que se interconecta; em um mosaico simbólico de oposições. No mais, essa é uma das múltiplas possibilidades de pensar uma história do gênero masculino, nesse caso, na Cubati contemporânea. Pensando sujeitos experienciais do ser ou não ser que a negação do sujeito uno-homogêneo-universal – por vezes – provoca. E para tais sondagens, nos aproximamos de leituras *pós...* Que nos permitem pensar identidades, identificações e papéis, social e historicamente construídos; possíveis de serem sinalizados e desmontados – também – a partir de relatos de vida possibilitados pela feliz aglutinação dos nossos interesses com a História Oral. Fazendo possível o *fazer* histórico *acontecer* nos ditos e não-ditos.

Palavras-chave: gênero, masculinidade, identidades, multicultural, História Oral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I- POR UMA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA POLIMORFA	13
1.2 UM MOMENTO PARA FALA: ANTES MESMO DE IRMOS AO FALO	17
1.3 HISTÓRIA CULTURAL E ALGUNS POSSÍVEIS “USOS”	21
CAPÍTULO II- O FALO INTERCONECTADO EM UMA REDE DISCURSIVA	23
2.1 FALOCENTRISMO EM CRISE? UMA TEIA DISCURSIVA SEM NÚCLEO	23
2.2 CARTOGRAFIAS FAMILIARES PLURAIS E EM ABERTO	25
2.2.1 DA MATERNAGEM À VOTERNAGEM? LEITURAS FAMILIARES EM METAMORFOSES	25
2.2.2 ESTAMOS NA CRISE DA FAMÍLIA DA “IDADE DE OURO”? GÊNERO EM DESMONTE	30
CAPÍTULO III- SER OU NÃO SER? REPENSANDO GÊNERO E SEXUALIDADE	35
3.1 AMAR OU NÃO AMAR? SENSIBILIDADES EM CONFLITO	36
3.2 ZONAS NEBULOSAS: ESPAÇOS DE NEGOCIAÇÃO DE GÊNERO	43
3.3 SEXUALIDADE EM NOTAS MUSICAIS	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
RELAÇÕES DOS ENTREVISTADOS	55

INTRODUÇÃO

Há múltiplos pontos de partida, cada um pode levar-nos em caminhos bem polimorfos! Partimos nesse, ao qual será apresentado se escolher caminhar conosco...

Estamos no momento do anúncio, do “cartão de visitas”, então comecemos a nos expor na arte da conquista, pela “lábria” da escrita, que não é única, mas múltipla, e dar-se-ia em uma relação de cumplicidade e interação entre autor-texto-leitor, em um nó que – apenas – desmancha se os fios das *escolhas* forem tirados de nós, o que esperamos que não aconteça.

Pois a produção que se forja, trás poucas intenções de costurar uma vesti e permanecer com essa de forma imutável no decorrer dos momentos de escrita; mas, apenas trazer alguns audaciosos adereços, a saber, um colar de pontos multicoloridos e brincos-sem-tarraxa, que permitem sem muita resistência serem retirados do lugar.

De um dos pontos coloridos do colar agente se aproxima para tentar narrá-lo, quase romanticamente. A saber, o título: Ser ou não ser? Nódos de masculinidade na Cubati Contemporânea. Porque do título? Quais sentidos possíveis – para o momento vivido – de interpretação desse? Em parte, um inegável entrelaçamento das vivências cotidianas e pessoais com a práxis acadêmica (aqui entendido como espaços indissociáveis).

Curiosos para serem apresentados – epidermicamente – a Cubati? Vejamos; tratar-se-ia cartograficamente de um município pequeno, que se encontra na região do Seridó Oriental paraibano, emancipado na década de 1950, hoje com aproximadamente 7000 habitantes. Acreditam realmente que essa narrativa dar-se-á assim e acaba por aqui? Prossigam... E percebam fragmentos menos simplistas de múltiplos cubatis nas partes que compõe o todo, emergidos nas sete, das onze narrativas que nos foram cedidas.

O eixo é masculinidade, mas a investigação não se limita a esse, buscando ao encontro dos hipertextos e das inter-conectividades com a rede discursiva a qual se insere e insere nuances múltiplas de identidades plurais, metamorfoseantes, que repensam um presente carregado de permanências e rupturas concomitantemente, em uma nódoa só. Talvez por isso, ao buscar pensar uma historia do gênero masculino cubatiense, na negação de sistematizar uma doutrina, um parâmetro, ou qualquer outro método que apareça como pronto e acabado. Tenhamos buscado nas onze narrativas de vida, conversar com os homens e suas auto-identificações; ainda nos sentindo incomodados, fomos às mulheres na tentativa de perceber nas relações de alteridade as construções que forjam esse masculino. Ainda insaciados, conversamos com homossexuais que nos permitiram também – mas não somente – várias

possibilidades de questionar modelos pré-determinados de gênero. E essa sensação de incompletude ainda permanece... Feliz sina do pesquisador!

Afunilando para o momento, trata-se de “relatos de vida” de duas mulheres e cinco homens, em uma variação geracional de 18 a 86 anos. Podem estar questionando: o que acontece com os relatos não trabalhados nesse momento? Não vão virar “*refugo*” como lembra-nos Bauman¹, *estão* refugos que – esperamos – tornarem-se outras produções e/ou elastecimento dessa (Deixando assim se ser refugo?).

Mas para tal *escuta* (repensando os relatos), fez-se necessário reapropriar-se de um método, que possibilitasse esse momento da pesquisa viva que desarma a vontade de mortificação da teoria. Pois, é em cumplicidade com a História Oral que aglutinamos uma metodologia capaz de ser ao mesmo tempo prática e teoria.

Uma forma de *fazer* História que perpassa a técnica e tateia contatos, sensações, possibilidades de *sentir-se junto* aos espaços estudados, aos seres plurais, móveis, históricos; que riem, choram, aceleram e travam a narrativa, fazem a metamorfose apresentar-se nos detalhes menos esperados, distanciando-nos – ao menos naquele momento – da solidão dos livros, (da densidade de estar – somente – em uma análise bibliográfica, por sua vez indispensável; mas quando sozinha, inviável para o propósito desse trabalho).

Tentamos ser caleidoscópicos, recorrer a fontes, detalhes... Interdependentes, que além da teoria foram sendo pedidos pela própria pesquisa, em seu passar-em-frente, deixar-se influir pelos contornos que as palavras pintam, traindo inclusive as intenções iniciais. *Pois a pesquisa é um labirinto de descobertas ininterruptas*. E é interessante agir flexivelmente quando inserida nessa.

Sendo assim, essa produção é um mosaico multifacetado de reflexões do ontem e do hoje, em uma perspectiva situacional que tenta passar da abstração a concretização nas escolhas do leitor que sai do texto à sociedade em um movimento de circularidade, sempre posicional, interativo, relacional... Pois o ponto final só chegará a existir se pintado por você-leitor. Estamos propondo uma análise complexa, híbrida, multicultural e aberta...

¹ Bauman é um sociólogo de uma sensibilidade bastante aguçada, nos envolvendo em um diálogo por ora prazeroso. Esse ao analisar a vontade de construção da ordem no mundo moderno, lança mão de conceitos que quando reapropriados nos permitem repensar o cotidiano pós-moderno. Sendo assim, coloca-nos que: “a produção de ‘refugos humanos’, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (ou ‘ excessivos’ e ‘redundantes’, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade”. Para saber mais ver: BAUMAM, Zigmunt. *Vidas desperdiçadas*/____; tard. Carlos Alberto Medeiros. _ RJ: Jorge Zahar, 2005.

Em uma polifonia móvel, onde os ditos só são válidos até segunda ordem. Pois buscamos a história de seres que *estão sendo*, em intrínseca relação com o corpo, com esse (des)território que talvez nunca tenha se falado tanto. Então insistir nesse estudo é modismo? Não encaramos como tal, por entender que se tal *lócus* discursivo, a saber, o corpo, está sendo insistentemente rebuscado, talvez seja uma questão em aberto que representa um foco discursivo a espera de novas e plurais contribuições. Esperamos que tenhamos utilidade!

Esse corpo, por mais que as palavras (por vezes) tenham o desprazer de simplificar, é um entre os múltiplos focos de interesse dos estudos culturais, que possibilita a construção da questão de gênero, que quanto mais tendenciosamente colocada como *dada*, *natural* e *biológica*, fica propensa a uma maior queda, ao desmonte, ao processo de desnaturalização² da cultura.

Uma questão que permite várias formas de *uso*, por isso mesmo – até onde foi possível – *usamos*. E traremos ao texto escrito personagens que entraram nessa forma de fazer história, por se colocarem fora da agenda convencional; outros por negarem essa saída, em uma co-dependência cinzenta, nublada, por vezes indizível.

Nessa rebusca rica que é o fazer histórico, tendo como instrumentalidade outras histórias, por vezes desejosas de serem prontas, grosso modo, em uma vivência contemporânea frágil, vulnerável, descentrada... No instante de negociação dos interesses, a saber, no momento de *escuta* e encenação dos papéis nos entremeios das narrativas; somos *outsiders*³ que interagem relacionalmente, mas ainda assim *estranhos*.

Sendo assim, por motivos mais didáticos, passemos a pensar nas propostas do trabalho no decorrer de suas partes. Para tanto, navegamos no primeiro momento, em uma leitura sobre nossas aproximações com a História Oral, suas possibilidades de *uso* e as artes do historiador que tem como palco de trampolinagem o cotidiano e o universo multicultural.

Em um segundo momento, buscamos repensar de forma talvez mais desorientadora que segura o *falo* e sua interconexão em uma rede discursiva, que busca nos rearranjos familiares em metamorfose as criações e recriações de papéis, identidades e identificações de

² Para Veiga-Neto “isso significa então, uma desnaturalização da cultura, isso é, significa que, para os Estudos Culturais, não há sentido dizer que a espécie humana é um espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significá-la é um artefato social submetido a permanentes tensões e conflitos de poder”. Para saber mais, ver: VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos Culturais em Educação**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. P. 40.

³ Uma interessante leitura sobre esse intelectual-pesquisador, aquele que é “invasor”, de fora, que deve se auto-avaliar como estranho em um espaço familiar onde o informante se encontra é tida em: MENEZES, Marilda A; ARNAUD AIRES, Lúcia M; DE SOUSA, Maria R. “Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo”. In: **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP**. Ano 13. 2004. P. 62.

gênero, enquanto um espaço *relacional* dos fazeres cotidiano. Por último – mas não por acabado – invadimos e deixamo-nos invadir pelas inconstantes negociações de gênero e a partir dessas, construções de hiper-sexualidade⁴ em uma rede discursiva móvel e em circularidade.

Esperamos ter anunciado um interessante “cartão de visitas”, sintam-se convidados a embarcar na produção, as velas estão erguidas, deixem-se levar pelos bons ventos...

⁴ Pensando o mundo pós-moderno - em diálogo com Bauman - percebemos que a “economia libidinal” de antes, *está sendo* cada vez mais velozmente negada. O relacionamento libidinal de antes, é concomitantemente substituído pela exploração de sensações, na maioria das vezes permitidas. Para um maior aprofundamento ver: BAUMAM, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**/____; trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. – RJ: Jorge Zahar, 1998.

CAPÍTULO I

POR UMA CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA POLIMORFA

Essa... É uma reflexão sobre nós mesmos, sobre os outros face a nós e, principalmente, sobre nós em confronto com seu próprio eu...

José Ângelo Gaiarsa

Inicialmente incômodo! Talvez frio pelo caráter de obrigatoriedade, o texto (in)conclusivo - a monografia por assim dizer – vai fazendo soerguer as sensibilidades mais plurais; uma dessas, é a angústia nova-velha dos momentos primeiros de produção, que por sua vez não encontra resposta (ou dúvida) em outro lugar a não-ser na “particularidade de onde falo”; repensando o que Certeau faz lembrar-nos, a saber, o lugar de fala do historiador, que por sua vez não é facilmente palpável e descritível, ao impregnar-se de subjetividade.

“Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter que começar”⁵ coloca Foucault ao pensar nas sensações que cercam o momento de produção; o como dar-se-ia a recepção e reapropriação do texto? Como será visto-vivido-entendido-tocado... Pensando as palavras que me transpassam? Que antes de mim já existia e depois continuaram...

Para que o leitor não acredite estar frente a mais um manual pessimista que dificulta – ainda mais – a produção mencionada, passemos a pensar a pesquisa enquanto algo que quando buscado, querido, escolhido por quem escreve denota no fabrico do prazer (no melhor dos seus prismáticos sentidos). E agora já perceber-se-ia um lugar de fala, na dicotomia do que faz e do que diria que faz como propõe Certeau no texto *A Operação Historiográfica*⁶, de “uso” indispensável para a preparação desses primeiros passos (em se tratando de escolhas que a todo o momento *recortamos* e *colamos* – no bom sentido – assim como nos reapropriamos das maneiras mais diversas).

Começado o desenho desse texto, o fabrico, a *operação* como diz Certeau, ainda que de forma encabulada e limitada, um tripé de premissas vai ganhando (e/ou se desfazendo) de formas, a saber, o *lugar*, a *prática* e a *escrita*. Atores da surdina, do não-dito, das tantas máscaras... Que assim como a filosofia cercam a História e o *fazer* histórico. Escolhas feitas

⁵FOUCAULT, Michel. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. In: **A Ordem do Discurso** _____ (tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio). Edições Loyola, São Paulo, 1996.

⁶ DE CERTEAU, Michel. “A Operação Historiográfica”. In: **A Escrita da História**. RJ. Universitária, 1982

antes das nossas, impositórias e inquietantes, mas não tanto que dentro de outros limites não possam ser “burladas”, puladas...

Figuras de linguagem que passam a se confluir. Por ironia a pesquisa apropria-se de coisas (objetos) pertencentes ao meio social (a própria pesquisa assim o é); mas apenas ganha (ou conquista?) caráter científico sobressaindo-se do denominado “senso-comum”, paradoxo não determinante, mas relações de forças circulares⁷. Onde entendemos por circularidade forças não-sobrepostas, lugares não-hierárquicos, pretendidos por nós no trato das fontes de pesquisa.

O dito aqui se contrasta inclusive com o “papal” central-hierárquico da *intelligentsia* acadêmica que relaciona lugar e saber. Sendo assim, nossos ditos e não-ditos mesmo de formas nebulosas - não muito nítidas - se interligam a UFCG⁸, a “abertura” (não tão espaçosa) que o curso de História vêm experimentando, de certa forma autorizado e influenciado por *outros* contextos e espaços (o dialogo mais veemente com Certeau já denuncia essa correlação). É a articulação do “eu” no “muitos” e do “muitos” no “eu”.

Da seleção dos documentos à escrita, às questões a serem buscadas se relativizam ao lugar-social-de-fala, (também por isso, nosso interesse aos espaços físicos e/ou sentimentais cubatienses em estudo) seja na denúncia ou na legitimação, nos mostramos em nossos discursos, nos perdemos e por vezes nos traímos neles. Talvez uma das formas de perceber tais sondagens seja buscar como nos relacionamos com *outros* estudos que pensam identidades-identificações-papéis-pertenças... E tantos outros conceitos que se aproximam, distanciam, contradizem, e de formas por vezes estereo-tipadas se assemelham. Uma discussão que reservar-se-ia mais esmiuçadamente aos capítulos que se seguem...

É nesse momento que todos os sentidos se movem na relação autor-texto-leitor; onde o tato (com o toque), o cheiro (do medo ou da realização), o sabor (do saber incompleto que sobre-vive na busca do querer mais); envolve o *tripé* antes exposto a partir de *interesses* e *interesses*, que fazem emergir antes, durante e depois da pesquisa uma *vontade* de socialização. Pois *estamos* inseridos em uma rede relacional onde autor-texto-leitor se perpassam a partir de um nó. Logo, sintam-se convidados a *estarem* cubatiense, nos entremeios das narrativas que se seguem...

⁷ A vontade de ser científico pensando o ordinário é uma ilusão. Sendo assim, somos também ordinários jogando o jogo das táticas e dos símbolos, a partir de interesses mais particulares que científicos. Um autor que bem trata tais questões é Certeau em: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*/ trad. Ephraim Ferreira Alves – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

⁸ Universidade Federal de campina Grande. Pensando não o território enquanto espaço físico, palpável; mas confluência de sensibilidades e discussões...

“Fazer História é uma prática” lembra-nos Certeau. Leitura com a qual comungamos por perceber que a História enquanto teoria por si só perde o sentido, e é nessa vontade de *fazer* acontecer que buscamos interpretar – mesmo que de forma encabulada e por vezes ousada e escorregadia – formas (em aberto...) de *ser* cubatiense⁹ (homens e mulheres pensando gênero; em variados momentos, em se tratando de uma análise geracional, que busca pensar a História não enquanto algo extemporâneo aos sujeitos, mas vê-los enquanto co-autores desse texto).

Ainda em estreito diálogo com Certeau – mas não apenas com – buscamos pensar as relações do discurso enquanto construção... Que desnaturaliza e artificializa elastecendo a fronteira tênue entre o *dado* e o *criado*. “É nessa fronteira mutável, entre o *dado* e o *criado*, e finalmente entre a natureza e a cultura, que ocorre a pesquisa”¹⁰. Que por sua vez encaminhar-se-ia assim como as letras que agora se desenham de forma crítico-reflexiva e desconfiada, no sentido de uma análise se não ampla, um tanto esmiuçada.

Não traduzimos tal como vemos, duvidando das fontes (do dado e/ou buscado) metamorfoseamos movimentos que dão o caminhar da produção, que estreita, confunde e mistura História, Música, Literatura e outros *bons vizinhos* como propõe Darton em sua obra “O beijo de Lamourette”¹¹. Uma (indefinida) relação que pretendemos utilizar na tentativa de *flexibilização* nos tratos das fontes, que para além de textos, são sujeitos ativos que interagem conosco na (re)formulação de suas próprias histórias. Ou seja, trabalharemos com a oralidade, em uma perspectiva relacional, por nós pretendida.

Pensam por modismo quando colocam o texto enquanto uma construção – alguns dizem e outros tantos repetem – o que não é o caso dessa produção. Percebemos que ao sermos escritores em metamorfose, pensando em outras tantas mudanças e/ou permanências rápidas e/ou lentas, *estamos* colocando tijolos e levantando construções em dia de chuva, trazendo por massa cimentada autores-textos-leitores (que estão sempre mudando de lugares) e no momento da chuva podem “desmanchar-se no ar”¹², ganhando novas formas... Que enriquecem a inconstante pesquisa, nesse ambiente ambivalente e metamorfoseante.

É partindo desse complexo e escorregadio contexto, que tememos violentar a tessitura cultural cubatiense – em meio a essas construções corrosivas. Pois não queremos reduzir-

⁹ Sujeitos melhores apresentados no decorrer dos capítulos que viram, encarregados de uma interação mais prática com a pesquisa.

¹⁰ DE CERTEAU, Michel. “A Operação Historiográfica”. In: **A Escrita da História**. RJ. Universitária, 1982. P. 78.

¹¹ DARTON, Robert. “Bons vizinhos”. In: **O beijo de lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹² Tomando por “empréstimo” o título do livro de Bermam, (que por sua vez, busca “emprestado” de Marx). Para melhor interpretação buscar: BERMAM, M. “Introdução: modernidade ontem, hoje e amanhã”. In: **tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: companhia das letras, 1986.

rotular-embalar nossas fontes, (tentação às vezes forte, quando procuramos incessantemente o *como* e de *que* forma escrever sobre as experiências que nos foram narradas). Talvez não estejamos preocupados em deixar nítidas nossas pegadas e rastros nas produções buscadas-sugadas-amadas-odiadas... Mas ir de encontro ao que cada uma das formas mais plurais e peculiares tem a oferecer. Por vezes, anseios e hipóteses iniciados com a pesquisa – ou anterior a esta – se perdem no caminho para que outras se forjem no desenlace e de-sen-vol-ver desta¹³.

Pensar o pré-determinado, o pronto, o que é reproduzido sem perpassar limites já existentes, representa em si à imagem invertida dessa produção. Pois a pesquisa – aqui pensada – é o que vai além do que já foi dito, perpassa a “folklorização” enquanto passividade calcificante, e começa na construção do objeto, antes mesmo de desenvolvê-lo; ainda quando questionamos: *que* fontes buscar? *Qual (is)* a(s) forma(s) de *uso* destas? *Como* as bagunço e redistribuo? E nesse momento singular desenrolar-se-ia e deixar-se-ia conhecer a produção-pesquisa que busca (re)pensar espaços ainda não explorados antes, a saber, as experiências de gênero na Cubati contemporânea. Não ficando por aqui, o leitor vai sendo apresentado a tais questões e suas respectivas interpretações na práxis. Sigam!

Buscamos ser caleidoscópicos, deixar-se levar pela pesquisa sem determinar e fixar conclusões antecipadas na escrituração. Em nosso mini-arquivo – emprestado d’outros autores – já se faz perceber a não facilidade da bagunça-rearrumação dos textos que participam (in)diretamente da construção desse outro (o “eu” texto).

A Historiografia contemporânea, grosso modo, não se acomoda a “gradeados”. Elastece e brinca (brincadeira séria!) com os limites de temas e leituras – fazendo as burlas chegarem a espaços menos esperados de negociações. A pesquisa volta-se a outros modelos: aos desvios, aos jogos de conceitos, linguagens e limites. Felizmente! Aquela vontade de homogeneizar, dar unicidade, finitude, caducidade¹⁴... Já não tem mais sentido de ser; o *fazer* história hoje visualiza isso, inclusive – a partir de – instrumental emprestado, na busca pela interdisciplinaridade (que a sirva). Vai “inventando” (ou não? Apenas interpretando) a(s)

¹³ “Apenas deixamos cair às ferramentas que se revelam inúteis e procuramos obter outras – que , quem sabe, ainda possam realizar a tarefa”. Ver: BAUMAM, Zigmunt. **O mal estar da pós-modernidade/_____**; trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. – RJ: Jorge Zahar, 1998. P. 102.

¹⁴ Uma leitura interessante sobre as mudanças posturais historiográficas, pode ser encontrada em: REIS, José Carlos. **História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. In:_____. 3.ed. - RJ: Editora FGV, 2006. Esse autor nos instiga a partir de suas indagações “quase-filosóficas”, a perceber que o mundo pós-moderno busca distância e/ou negação da razão/verdade. Perpassa o discurso “macro” abrindo frechas para micro-história. Trabalha com o ecletismo e abre espaço para múltiplas temáticas (antes marginalizadas e “desinteressantes”: a História Positivista, por exemplo). A linearidade temporal é ‘quebrada’, ‘ferida’. E o objeto de estudo pode ser analisado de forma caleidoscópica e multifacetada.

forma(s) como nos relacionamos com o “real” e como operacionalizamos isso. Permitindo-nos repensar, como as “realidades” a nós narradas podem ser operacionalizadas, *tornando-se* uma história de gênero masculino em Cubati.

E não mais crendo em uma essência, como agir na falta dessa “âncora”? Deixando o barco navegar pelo descontínuo¹⁵, múltiplo e heterogêneo dizemos, (mesmo sabendo que não-dizemos muito, e que há tantos outros objetos “indizíveis”). Ainda assim, a escrita é a condução da prática ao texto. Apresentada como o que “aprisiona”, a escrita, “um sistema semelhante de sujeição”¹⁶ coloca Foucault, para nós pode ir além de tais “enquadramentos”, ganhando novos contornos, flexibilizando e pluralizando o tempo discursivo; possibilitando-nos questionar: o que fabricamos com a escrita? Quais representações encenam? Que lugar de produção anunciamos nas palavras agora apresentadas? E em um outro espaço, como tais questões são reapropriadas? “Trata-se antes de ‘interpretação’ do que ‘explicação’”¹⁷, colocando aqui um extratexto necessário, na articulação do texto com a exterioridade.

A escrita e sua função simbolizadora permitem situar-se; dá lugar ao presente na constatação da morte do passado que não é, fazendo do dizer o mais próximo do mostrar como lembra-nos Certeau, a nós permitindo um olhar na interpenetração das falas e sensações da interação pesquisador-informante. E para que seja possível olhar o não-mais e o ainda presente, o caráter sacramental da escrita se anuncia no que Certeau nomeia por *rito de sepultamento*¹⁸, “enterrado” na “*operação historiográfica*”. Que por sua vez permite que nos distancie – por ora – de Certeau, para nos aproximar de “outros”! Entre esses, os que pela “fala-escrita” nos conquistam e interessam...

1.2 UM MOMENTO PARA FALA: ANTES MESMO DE IRMOS AO FALO

Essa pesquisa-produção resulta dessa relação entre a “imposição” acadêmica e o buscar prazeroso do saber. Para tal *fazer acontecer* fez-se necessário entre outras questões, à escolha de um método-investigativo-de-campo que propiciasse a vontade de pensar o *falo* cubatiense e suas redes relacionais *acontecer*, antes de qualquer coisa, para além da predominante pesquisa bibliográfica.

¹⁵ Foucault quando fala na *ordem do discurso*, diz que esses “devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”. Já citado anteriormente.

¹⁶ Idem.

¹⁷ DE CERTEAU, Michel. “A Operação Historiográfica”. In: *A Escrita da História*. RJ. Universitária, 1982. P. 102.

¹⁸ Idem.

É por esse caminho, que fomos aconchegando-nos a História Oral, que “Lous Starr, ao caracterizar a incerteza epistemológica da história Oral: mais do que uma ferramenta, e menos do que uma disciplina”¹⁹. Ainda na contemporaneidade nos envolve audaciosamente em um novo desafio.

Michel Trebitsch²⁰ diz ter ocorrido um “boom” da História Oral na década de 1960²¹. Trazendo em si a idéia de contra-história e não linearidade; anti-escrita-instituição-poder... Pró-vivência-cotidiano-família-sexualidade-*identidades*... Enquanto “revanche” ao Positivismo, que reforça o ideal grafocêntrico em detrimento da oralidade.

Trebitsch menciona que o trabalho com a “fala” é uma forma de fazer “sair das bibliotecas para ir a campo”²². Reivindicando inclusive pós-movimentos de contestação – entre 1960 e 1970 – pretender um pioneirismo historiográfico. Onde Paul Thompson radicalmente coloca “que a função da História Oral, ao desenvolver a história do povo, é de democratizar a própria História”²³. Seria a leitura thompsoniana uma forma de legitimar seu lugar de *intelligentsia*, como aquele que devolve ou toma pra si o (não)lugar de História do povo?

... Já em 1966, na confluência da lingüística estrutural, da antropologia levi-atraussiana, da semiologia barthesiana, da psicanálise lacaniana, e até mesmo da crítica althusseriana da ideologia, *Les mots et les choses*, de Michel Foucault, prefigura as reflexões ulteriores sobre autismo (Bettelheim), o asilo (Gollmann), as “linguagens totalitárias” (J.P.Faye), as sociedades primitivas (Clastres), e leva à convicção contestadora de que é preciso devolver a palavra a criança, ao louco, às minorias sociais, raciais, sexuais, oprimidas...²⁴

Algo interessante é perceber que além da confluência de várias leituras contra-verdade-incontestável-positivista, há uma busca da História “vista de baixo”. Essa mudança do olhar – entre outros – historiográfico, em especial com a criação do IHTP²⁵ relaciona estreitamente a História Oral ao tempo presente, na presentificação do testemunho, que por vezes torna-se um interessante questionador dos “arquivos”, dos não-ditos-cala-bocas

¹⁹ Encontrar tal discussão em: TREBITSCH, Michel. “A função epistemológica e ideológica da História oral no discurso da História Contemporânea”. In: **História Oral e Multidisciplinaridade** / org. Marieta de Moraes Ferreira / trad. Monique Augras. SP. Diamorim, 1994. P. 19.

²⁰ Idem.

²¹ Esse boom, contudo, não se explica pela experiência adquirida a partir de 1948, nem pelo aprimoramento do gravador portátil.

²² Idem. P.26.

²³ Ibidem. P. 29.

²⁴ Idem, Ibidem. P.32. Tal percepção é a confluência de várias leituras que em si já representavam mudanças nas posturas “tidas científicas”.

²⁵ Institut d’Histoire du Temps Présent. Idem. 36.

(utilizando inclusive o método comparativo, que transpassa a História e outros saberes). Sendo assim;

Sem dúvida, é por esse motivo que a História Oral vai se dirigindo cada vez mais para as questões de memória e história cultural, e além delas, ainda mais profundamente, com Luisa Passerini ou Régine Robin, estabelecendo uma interface com a psicanálise, a lingüística, a história literária, no sentido da relação entre ficção e mito, palavra e silêncio.

Tentando “afunilar” tais questões, e chegar mais perto do buscado, uma das leituras que de-sem-vol-ve-mos lembra que adotar a metodologia da História Oral é perceber além da técnica, a (re)formulação de discursos e as intensas interações sociais entre “pesquisador-informante”. Cujas “muitas narrativas caracterizam-se por histórias de vida”²⁶ (experiências de diversos momentos desta). E “ao falar, o narrador não faz mecanicamente, ele esta operacionalizando com a memória²⁷ e com os sentimentos que ela trás à tona”²⁸.

Nos extratextos acima expostos, Menezes, Aires e Souza estão a partir de uma análise relacional – pretendida por nós – pensando às subjetividades de sujeitos que tal como estamos fazendo agora, (re)constroem e (des)constroem um mundo de emoções e sensações que não permite permanecer fixo os sentidos. Fazendo com que o trabalho da oralidade – as entrevistas – tome “molduras” bem polimorfas; se delineando particularmente na medida em que o pesquisador-informante vão metamorfoseando-se. Pois mesmo quando aparentemente deslocadas, cada informação tem um significado, uma experiência...

Singularidades avessas à oposição entre “teoria” e “metodologia” calcificada pelo que Pierre Bourdeau coloca por “tradição dominante”²⁹, quando propõe *pensar relacionalmente*. Para o autor a flexibilidade da interligação de fontes, métodos, técnicas... Representam o próprio passar-em-frente da pesquisa. Colocando que: *Apetecia-me dizer: é proibido proibir ou livrai-nos dos cães de guarda metodológicos*³⁰ (grifo nosso).

Por tal assertiva não entender-mo-emos o “final dos tempos” das regras, ou negação das técnicas que compõe a exemplo da monografia, o espaço sistemático da academia. Apenas

²⁶ Para saber mais, buscar: MENEZES, Marilda A; ARNAUD AIRES, Lídia M; DE SOUSA, Maria R. “Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo”. In: **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia Social da USP**. Ano 13. 2004. P. 57-69. P. 59.

²⁷ Dosse, na tentativa de perceber a “contribuição do sociólogo” Halbwachs na leitura da memória. Assinala que a memória seria a inconstância; enquanto a História seria mais instável e conceitual. Ver: FRANÇOIS, Dosse. “A oposição História/Memória”. In: **História e Ciências sociais** _____. Bauru, SP: EDUSC, 2004. P. 169-191.

²⁸ Idem. P. 60.

²⁹ Por “tradição dominante” entende-se na obra de Bourdeau a influência Positivista. Ver: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989. P. 23.

³⁰ Idem. P. 26.

buscamos alargar-elastecer os campos de estudo polimorficamente multicoloridos de interdependência entre pesquisador-pesquisa; que não chama para si simplismos, em meio a complexidade necessária de pensar o relacional, “o campo de poder”³¹ e as relações de força que nele se confluem.

Também por isso – a partir disso – desmistificamos a idéia de que existe *A* maneira de entrevistar; mas maneiras – no plural e em aberto – de viver tal experiência, que inter-relaciona plurais contextos, seres flexíveis e não a-históricos. Onde nessa relação entre o “eu” e o “outro” dar-se-ia colorações onde a subjetividade é um toque indispensável.

Ainda refletindo sobre o lugar de fala, inclusive enquanto ferramenta indispensável na construção desse texto, buscamos perceber *na e para além* das entrevistas o campo simbólico que interconecta os atores envolvidos. E para tanto, é indispensável colocar-se frente ao espelho na tentativa de perceber que somos “os de fora”, “os outsiders”³² que despertam expectativas mútuas – ainda não discutiremos se boas, ruins, meio-termos – nesse processo de fabricação do objeto. Sendo assim; “A maneira de se comportar diante do outro, o que dizer ou não, como traduzir o que fica nas entrelinhas, tudo isso configura uma situação complexa e, por isso, extremamente rica”³³

“Para compreender o que pode ser dito e sobretudo o que não pode ser dito no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo de locutores”³⁴ lembra-nos Bourdieu; e Monique Augras acrescenta ao colocar que “o informante não nos fornece dados, eles nos fornecem discursos”³⁵. Sendo assim, por mais que nos apeguemos ao mensurável, ao *dado*, ao palpável... A vida social enquanto uma “representação teatral”³⁶, já coloca-nos Goffman, nos retira a consolidação desse apego; pois entre palco-atores-luzes-plateia... Há um jogo ativo e móvel; máscaras e máscaras que já nos retira a “tradução em primeira mão” dos fenômenos sociais. Como coloca Menezes, Aires e Souza; “... a subjetividade dos atores envolvidos no processo de pesquisa dá os tons e as texturas do cenário, das máscaras e das falas...”³⁷

Agora, a própria *fala-escrita* nos assusta e apaixona; pois (des)constroem leituras que pensam a História Oral – só para citar exemplo – como um campo, unicamente, de manipulação e persuasão por parte do pesquisador que a utiliza e *faz acontecer*. Sendo assim,

³¹ Idem. Ibidem. P. 28.

³² MENEZES, Marilda A; ARNAUD AIRES, Lídia M; DE SOUSA, Maria R. “ Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo”. In: **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em antropologia Social da USP**. Ano 13. 2004. P. 62.

³³ Idem, ibidem.

³⁴ Ver: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989. P.55.

³⁵ Idem.. P. 64.

³⁶ Ver: GOFFMAN, Erving. **A representação de Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

³⁷ Idem. P. 68.

nesse jogo de palavras ditas e escritas é possível achar que o jogo da retórica garante a liderança pré-determinada do pesquisador-autor? Se assim fosse, o jogo seria friamente “sem graça”, fácil e simples, e esse não é o caso. Pois tal jogo de relações trás em cena participantes que falam horizontalmente, se sentem, chocam, brincam... Sem sobreposição!

1.3 HISTÓRIA CULTURAL E ALGUNS POSSÍVEIS ‘USOS’

“Contemporaneamente a História se situa em uma era de dúvida” diz Pasavento; de “desconcerto” na leitura de Rago, em “novos territórios” segundo Chartier, algumas vezes “antidisciplinar” para Jonhson, talvez “líquida” para Bauman, desnaturalizada também por Foucault e tantos outros³⁸... Em um momento fluido e imensurável, que por vezes escapa as palavras. Ainda estamos vivendo o aturrido, a desconfortável insegurança dos deslocamentos de lugares, na desterritorialidade das construções ossificadas (ou pretendidas a tanto). Que por sua vez não pode – sequer deve – ser tido como negatividade; talvez a antítese desta seja mais encaixável as novas-velhas formas de ler e reler a História.

São “outras” leituras possíveis – diferentes, horizontalmente – e plurais; que podem *estar* sendo “a entrada em cena de um novo olhar” como sinalizou Pasavento. E em se tratando de História e Cultura, do elastecimento e entrelaçamento da História e da Cultura, não enquanto “entidades” – quase feudais quase autônomas – mas uma “nódoa de pelos” que se inter-cruzam a ponto de não sabermos como desfazer, como encontrar onde inicia e termina os fios envolvidos nesse novelo “retalhado”.

E assim *estando*, quais as escolhas e aproximações buscadas para tratar esse(s) novo(s) contexto(s)? Algumas pistas já vêm sendo deixadas, e outras a partir de agora se seguem... Pois não nos rendemos a teorias que falam em neutralidade nas percepções sociais, mas sim, as percepções que nos dimensionam entender que em diferentes contextos e momentos, uma

³⁸ Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar”. In: **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 62; RAGO, Margarete. “o efeito Foucault na Historiografia brasileira.In: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/revistas/tempo-social/v71e2/rago7.html>; CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações** / trad. Maria manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1990. P. 13-30; 121-139; JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, Estudos Culturais?”. In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** / Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3.ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica; 2006. 240 p. – (Estudos Culturais, 2). P. 10;FOUCAULT, Michel. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. In: **A Ordem do Discurso**_____(tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio). Edições Loyola, São Paulo, 1996. Além de sua extensa bibliografia.

determinada “realidade” social é construída, repensada, recepcionada e reapropriada a partir das sensibilidades e subjetividades que envolvem os sujeitos da trama.

E tais deixas, nos possibilitam romper com conceitos como o de “sujeito universal”, na própria pluralidade dos modos de emprego e apropriação das práticas sociais, na representação que envolve processos de identificação na dinamicidade das construções de cada momento vivido, não-vivido, desejado, desconhecido... Que o historiador tenta dar intelegibilidade em texto, trazendo à tona discussões sobre ficção, não-ficção, certeza, incerteza... Encaradas aqui como questões complexas, que em parte já foram “bulidas” e por agora não aprofundaremos – talvez em um outro momento!

Sendo assim, buscamos pensar a História enquanto um saber da alteridade, que instrumentaliza-se de retóricas que buscam reforçar os *interesses* que por hora se fazem. E para tanto, três premissas básicas se interpenetram na dinâmica dos processos culturais vinculados as relações sociais; apresentadas por Johnson; (1) por relações de *classe, gênero e geração*; (2) relações de poder e; (3) desnaturalização não-determinista. Tais premissas são *usadas* e lidas de formas incessantes por nós – algumas mais que outras – a exemplo das *relações de gênero*, que por agora analisaremos de forma epidérmica, por entendermos que se faz necessário aprofundar tais discursões nos capítulos vindouros, para tentar dar conta de algumas questões mais inquietantes, relacionando *gênero, identidades, papéis sociais*... E suas intrínsecas relações entre o individual, o coletivo e suas nódoas.

OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Estamos tentando ao até aqui dito – e nos não-ditos que o acompanha – levantar uma sondagem mais densa e entendida como necessária na leitura historiográfica. Para tanto, tentamos ser o menos desconexos possíveis, por perceber que o “quebra-cabeça” que vem encaixando-se e polimorficamente se desenhando está propenso ao inacabado por trabalharmos com peças incompletas, faltas e brechas. Que agem, nas deixas propositais criadas para o leitor, como espaços que pedem novas formas de acordo com as peças que construir, a partir de escolhas “outras” (não só esperadas, como desejadas!).

II CAPÍTULO

O FALO INTERCONECTADO EM UMA REDE DISCURSIVA

“Somos todos uma soma não muito congruente de meios papéis”

José Ângelo Gaiarsa

“O outro é um *estranho essencial*” (grifo nosso)

Maria Letícia B. P. Nascimento

Esse outro momento de produção, menos denso, mais elástico, talvez mais rico, por representar um “novo”, o trazido, o lido e relido a partir da pesquisa que vêm – esperamos – a contribuir com a Historiografia que busca pensar “identidades” masculinas; e como (não) era de se esperar, toda uma rede de interconectividade que se monta e remonta para pensar o *falo*, seus fazeres, saberes e possibilidades de *uso*. Recomeça a de-se-nhar-se!

2.1 FALOCENTRISMO EM CRISE? UMA TEIA DISCURSIVA SEM NÚCLEO

Não há mais o discurso do homem da casa e da rua, do chefe das relações de gênero, família, sexualidade... E há sim, discursos – no plural – que perpassam esses, saem desses, vão além, em uma rede discursiva que não dá mais conta – se é que já deu – de apresentar-se e manter-se centralizada na figura única e homogeneia do homem-macho-acadêmico ou ordinário, que detêm a verdade e tem a deicticidade de levar ao cenário social este “mapa do tesouro” a ser seguido.

Temendo polarizar os lugares discursivos, na negação desse lugar de fala construído e ossificado de certa forma privilegiadamente, podendo deixar a entender que tal poder discursivo *sai dos homens às mulheres*; apresentamos aqui essa não-intenção. Não se trata da guerra dos sexos, dos discursos, dos ditos e não-ditos. Esta mais para deixar-se tocar e passar-em-frente com a pesquisa, que ao buscar pensar (interpretar, não explicar!) o homem cubatiense e algumas das várias formas de *ser*, nos leva a repensar outros vários lugares e não-lugares, das mulheres, da família, da educação, da sexualidade, do público, do privado... Que dialogam e representam uma interdependência, uma interpenetração, que se negada, desaparece a própria construção cotidiana desse homem que só passa a ter existência a partir

de uma rede discursiva de conflitos, oposições e aproximações com esses “outros” *estranhos essenciais*, como diz-nos Nascimento na epígrafe que abre o capítulo.

Que homem é esse? Não sabemos, não damos conta de dizê-lo em sua total-complexidade. Mas apresentamos fragmentos que podem representar uma leitura – diferente, nem por isso melhor – ao pensar esses “meios papéis” em uma “realidade” cultural por vezes “ilusória”, cotidianamente forjada nas *mil maneiras*³⁹ de *fazer* acontecer e *ser* cubatiense.

Talvez estejam sentindo-se *sem chão*, na sensação de não estar chegando ao homem cubatiense prometido (ou esperado?) a ser apresentado. Tal sensação permanecerá aos que acreditem encontrar aqui uma “entidade” que quando dita, resume em si o que é ser ou não-ser homem – nesse caso – em Cubati.

Propomos-nos nesse instante repensar *mil maneiras* – talvez mais talvez menos – de ser e/ou não ser homem nos fazeres, saberes e dizeres que a pesquisa nos propicia. Em uma relação – já sinalizada antes – complexa, multicultural, descentrada, viva e presente. Feliz aglutinação dos nossos *interesses* com a história Oral, em suas múltiplas possibilidades de *uso* a partir do ouvir, do falar, do *estar junto*.

Buscamos – por questão mais didática – formular o capítulo já iniciado, tendo como fio discursivo a masculinidade, que encontrar-se-ia envolto por tantos outros fios multicoloridos que buscam possibilitar a costura, que tem na escrituração uma roupagem; ao menos para esse momento de produção... Para tanto, os fios que envolvem e são envolvidos pela narrativa vão estar entrecruzados, por vezes não firmemente, na intenção de deixar espaço para os prováveis retalhos (construídos inclusive por você leitor!) para melhoramento da costura, que é concomitantemente pesquisa e escrita.

Sendo assim, esse capítulo por estar mais *praticamente* encarregado de trazer à tona a pesquisa desenvolvida, é mais complexo, nem por isso menos prazeroso (confesso, até mais!). Trabalhando com entrelugares horizontais, interdependentes, também possíveis a serem lidos e relidos inclusive em separado (em menção aos subtítulos). É uma construção que necessita de várias colunas, que não necessariamente caem se não estiverem envolvidos entre *quatro paredes*; mas que quando interligados a essas se passam a novas formas.

E mais, nessa construção que perpassa a quem escreve; às escolhas vem de mão dupla, assim como os *interesses*. Esperamos que ainda queiram seguir, pois a partir de agora

³⁹ Ver: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**/ trad. Ephraim Ferreira Alves – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

trataremos de levar as representações e discursos que nos foram encenados e passam a (re)encenação, por nós entendida como criação do artista-historiador.

2.2 CARTOGRAFIAS FAMILIARES PLURAIS E EM ABERTO

Várias formas de ser família nos foram sendo ditas e não-ditas pelos sujeitos de nossas narrativas. Esses estavam interligados pela negação, aceitação, projeção e tantas outras sensações do *estar junto* ou *estar distante* nas polimorfos configurações familiares em metamorfose. E por isso – mas não somente – nos interessamos por buscar nesses vários espaços, instrumentos que operacionalizam construções e reconstruções das *relações de gênero*, grosso modo, de forma tendenciosa ao enquadramento, classificação e delimitação de papéis pré-determinados.

2.2.1 Da maternagem à voternagem? Leituras familiares em metamorfose

Como já pincelado acima, pensar gênero é trabalhar com fronteiras muito tênues, invasoras e invadidas por outras novas-velhas espacialidades, entre essas, a familiar. Sendo assim, algumas narrativas sinalizaram – quando não gritaram – configurações familiares que se confunde com o próprio *mito da voternagem*⁴⁰, que nos trás outras sensibilidades familiares, não-identificadas como nuclear, patriarcal... Concomitante a reafirmação desses escorregadios conceitos, reproduzidos imagético e discursivamente, falados para além da negação, na legitimação.

Conheçamos as narrativas que nos levaram a tais lugares, nos fizeram comungar com Silva Ramos, em sua sensibilidade de repensar os sujeitos familiares. Para tanto, fala-nos Rafael Ferreira, 19 anos, solteiro, residente da zona urbana cubatiense, estudante... Entre outras identidades que nos serão apresentadas, e tantas outras negadas no decorrer da produção, quando nos relatou em sua “História de vida”, suas relações familiares;

⁴⁰ A proposta do neologismo “voternagem” faz-se aqui presente a partir de uma interessante leitura proposta pela Profª.Dra. Keila Queiroz e Silva Ramos, quando da exposição de algumas questões relevantes a sua tese em fase de conclusão. Na ocasião da Mesa Redonda: **As idades da vida na contemporaneidade**; quando do Primeiro Encontro de Gerações: Seminário Interno do PAIR/PROBEX/MEC/SESU – UFCG. *Universidade aberta todas as gerações*. Campina Grande. 17 e 18 de dezembro de 2007.

Fui criado por minha vó (sic) depois que minha mãe se suicidou aos 18 anos [...] Eu acho que fez e faz falta minha mãe na minha vida, assim como o meu pai também; porque eu preferia que fosse ela e meu pai do meu lado [...] Eu acho que às vezes sou muito *excluído* sabe, eu sou neto e como neto, ela tem os filhos dela e agente não tem um relacionamento muito bom não.(grifo nosso)⁴¹

Não tratar-se-á de culpabilizar a forma de ser família que Rafael é parte e desenha, até porque essa é uma das fotografias possíveis, e há muito “cartão de memória” a se *usar*, ainda assim insuficiente. Assim como, deixar de perceber os indícios, e as pistas deixadas nas entrelinhas de sua narrativa, dos seus gestos e expressões quando cara a cara conosco, em nosso momento, talvez dissesse Freud, *catártico*. Quando da denúncia desse não-lugar, na projeção de um outro, a saber, da “família perfeita”, nuclear, ilusória, forja da modernidade em intrínseca relação com o cientificismo positivista racional da *ordem* e do *progresso*, bem tratado por Ariès em seu livro *História Social da Criança e da Família*.⁴².. Que de forma não-determinista, também não ingênua, a percebemos como leitura subjetivada socialmente a partir de uma construção demorada e desejosa de ser ossificada e naturalizada.

É no momento em que *estamos* no palco, que ocorre a encenação de alguns dos papéis sociais possíveis a serem epidermicamente tocados em nossas falas, das identidades construídas e subjetivadas ainda mais difíceis de serem apreendidas pelas escorregadias palavras; que se percebe em cena esse não-lugar de *refugio* – como lembra-nos Bauman⁴³ - e Rafael mescla em seus não-ditos, ou ditos de outra forma. Essa distinção entre papéis e identidades apresenta-se aqui como necessária por tratar de movimentos diferentes do pertencer e sentir-se pertencente respectivamente. Em um movimento onde os papéis são definidos por normas estruturadas por instituições e organizações da sociedade, definidos pela exteriorização; enquanto as identidades se constroem a partir de um conjunto de significados interiorizados por um processo de individualização. Leitura interessante que trás Castells quando pensa as identidades e seus significados na sociedade de rede⁴⁴, ao fazer uma distinção não comumente empregada, para tratar o mundo simbólico que envolve e deixa-se envolver pelos sujeitos das tramas históricas.

⁴¹ Entrevista nº. 1 com Rafael Ferreira da Silva concedida a autora dia 12 de janeiro de 2008.

⁴² Para o autor, a “passagem” para esse modelo moderno familiar, “correspondeu a uma necessidade de intimidade, e também de identidade: os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero de vida”. Para mais buscar: ARIÈS, Philippe. “A família”. In: **História Social da criança e da família** ____ Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LCT. 1978.

⁴³ BAUMAM, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas/**____; tard. Carlos Alberto Medeiros. _RJ: Jorge Zahar, 2005.

⁴⁴ CASTELLS, Manuel. “Paraísos comunais: identidades e significado na sociedade em rede”. In: **O poder da identidade / volume II** / trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. P.

Voltando a Bauman, e aos neologismos por ele criado para buscar dizer os sujeitos de uma sociedade informacional veloz, ludibriante e encantadora, por compor-se de consumidores compulsivos a *falhos*. Deixemos-nos *ouvidos* para *escutar* Rafael. É o desejo, a incompletude desse sujeito e sua condição de falante que recortamos para deixar-se conhecer um sentimento que perpassará outras narrativas a se apresentar. Novamente Rafael, quando buscado a repensar essa família desejada e seus personagens, fala-nos;

[...] Quando eu vejo meu pai, quando eu olho pra ele, eu gosto dele, às vezes eu falo, às vezes ele fala comigo. Eu vejo ele (sic) como um batalhador quando cuida de sua família, a que ele tem. Agora quando eu lembro do que ele fez da relação dele com a minha mãe, e que sabe que dessa relação eu acabei nascendo; acho que a partir desse momento ele se torna um *covarde* (silêncio). Houve até o comentário que ele não queria que ela dissesse que eu era filho dele.(grifo nosso)

E acrescenta;

Daqueles que tão na casa que moro, são oito pessoas, tem quatro pessoas que eu não falo de jeito nenhum, o clima é pesado, nem olhar eu olho [...]. Às vezes eu me sinto em depressão”⁴⁵. Eu fui muito espancado [...] É aquele velho ditado: “quem apanha não se esquece não” [...]. O irmão da minha mãe me socou, e até me cortou no pescoço. Não precisa disso não [...]. Eu acho assim, ele como um *educador falido* (grifo nosso).

Percebamos em cena algumas das nuances que foram sendo deixadas desde os primeiros momentos textuais, quando do poder dos discursos, das palavras-livro que provoca não apenas a entonação da voz, mais o muito ainda por dizer por trás dessas. Vejamos: *excluído, covarde, educador falido*... Quando vistas deslocadamente perdem o sentido, mas re-encaixemos ao contexto de origem, sabendo que o re-encaixe já perde o “virginal”; tentemos: Rafael se apresenta como aquele que não tem lugar na família a qual se encontra mais não deseja estar, o *excluído*, o *refugo* dessa família, aquele que não é filho, é neto, chegando sem convite, após o suicídio de sua mãe que nega esse mundo em que vive após tê-lo tido como “fruto proibido” de uma relação sem “papel passado”, envolvida em um triângulo familiar, onde o pior dos lados é o que se encontra. Seleção marcadamente sombria,

⁴⁵ Idem

onde denuncia os instintos destrutivos, o desejo de morte que Freud⁴⁶ lembra-nos que se reveste de *agressividade* na manifestação da autodestruição que Rafael indiretamente associa ao “tio”, que é o *filho homem* da avó e sendo assim, o que tem lugar, permissão, e poder inclusive de espancá-lo.

Uma leitura que trás uma sensibilidade para reafirmação (ou negação?) do homem-macho violento, como sendo o “chefe da casa”, aquele que tem domínio desse ambiente inclusive pela força, afinal de contas é o que ocupa o lugar do homem de casa, na ausência de um lugar onde pudesse compartilhar o espaço com o pai que o nega, que nas deixas teria sido um dos culpados por não mais ter a mãe ao lado. Então vejamos; falamos com um contemporâneo que não se senti a vontade com determinadas características masculinas do nordestino construído imagético discursivamente – nos cordéis, jornais... – apresentado por Durval⁴⁷, quando trata as leituras de masculinidade no Nordeste do século passado, buscando ao desmonte.

Que masculino é esse? Que homem negado por Rafael é seu avesso? Entre outras construções; o homem que para ser homem tem que ser “bruto”, “pegador”, “ausente”? Talvez alguns tenham representado isso em sua vida, respectivamente encenados a nós pelo “tio” e pelo “pai” – biológico, mas não social – mais que ainda assim faz falta, frente ao apego com a leitura familiar que esse subjetivou como a desejada, a certa... A que faz falta (já construída e também já tocada superficialmente por nós!).

Enquanto ao *educador falido*, aquele que bate por não saber conquistar; seria o homem desejoso de ser por Rafael? Ou o homem sensível que consegue olhar para o pai (isso nos diz muito), percebê-lo no mundo, mesmo quando sente passar-se a *invisibilidade*? Colocando o pai desde o trabalhador que sustenta a família, o homem certo no lugar certo, que infelizmente não foi o seu e de sua mãe, passando-o a *covarde, ausente*, ao que esse não quer ser “quando crescer”, e tiver sua própria família, diz ele: “*eu, minha mulher e meus filhos, pai, mãe e filhos*”. Mesmo quando a imagem de pai que nos trás é ambivalente, confusa, plural inclusive nos desditos.

⁴⁶ Uma contribuição interessante em releitura à literatura freydisiana trás: SHIRAHIGE, Elena Stsuko; HIGA, Marília Matsuko. “A contribuição da Psicanálise à Educação”. In: CARRARA, Kester (org). **Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo. Avercamp, 2004.

⁴⁷ Assumimos essa postura epidérmica do tratar família por “n” motivos, um desses, é que buscamos esse espaço interessadamente para pensar a redefinição de gênero nesses vários espaços familiares em metamorfose. Que contribuam – esperamos – para fazer da narrativa o menos repetitiva dos já-ditos antes. Sendo assim, para quem se interessa, uma rebuscagem interessante desse espaço patriarcal (inaugurado discursivamente por Freyre) em desmonte nos primeiros anos da República traz-nos Durval em: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste- 1920/1940)** _____. Maceió: Edições Catavento, 2003.

Ainda sobre esses novos arranjos familiares, uma outra narrativa nos trás a um dialogo concomitantemente próximo e distante ao que já vem sendo pensado sobre formas de ser família, nesse momento, limitado ao recorte escolhido, a saber, ao momento de voternagem, que Karina⁴⁸, casada, mãe de dois filhos, 18 anos, residente da zona urbana... Nos trás, repensando as imagens masculinas e femininas que perpassam suas reformulações discursivas, sendo assim, coloca-nos;

Desde pequenininha minha avó me criou por conta de uma doença no seio que minha mãe teve [...]. Assim, (silêncio) meu pai é um homem qualquer pra mim, ele *não-é* meu pai. Minha avó é que foi pai (silêncio longo e muito choro) [...]. Aí assim, minha mãe eu chamo de tia [...]. Meu pai eu nem peço abença (sic) a ele (limpa as lágrimas).

E acrescenta-nos;

Assim [...] nem amigo ele chega a ser, que nem tem assim intimidade, é duro, ele é grosso (silêncio), sei lá, eu falo com ele, mais assim é uma coisa seca [...]. Ah! Ele é muito mulherengo, mainha já passou poucas e boas com ele. [...] É tanto que ela diz que não vive com ele.

Nos fragmentos acima, entre outras coisas, percebemos na “linguagem ordinária” sinais do processo forjador de construções de papéis sociais; que tentam ingenuamente apresentar-se como o dado, o *biológico*, o natural que busca subjetivar-se de forma naturalizante e termina por cair ao desmonte. “*Meu pai é um homem qualquer pra mim, ele não-é meu pai*”, fala-nos Karina ao tratar da sua relação com esse homem *estranho, desconhecido*, que não faz parte da história que legitima, pois “*minha avó é que foi pai*”, frente à ausência da pessoa paterna biologicamente “*dada*” que na recriação cotidiana da arte das (não)escolhas; das seleções que fazemos talvez características desse momento *pós-moderno* que experienciamos nas formas mais plurais *fazer* acontecer.

Nesse momento de escolhas, um outro foco discursivo nos *interessa*; quando Karina conta-nos: “*é duro, ele é grosso, é uma coisa seca[...]. Ele é muito mulherengo[...]*”. E assim sendo, um universo simbólico de sensações e sensibilidades, frágeis, quase inumanas se colocam à mesa; o que será o prato do dia é escolha que não se limita a nossa, transborda

⁴⁸ Entrevista n° 2 com Karina Katiússia de Lima Costa concedida a autora dia 14 de janeiro de 2008.

pratos que repensam vários lugares, constantemente, e cada vez menos mensurável, mais veloz, quase uma “*alquimia das criações em estado constante de incompletude, desejo*”.

Para além, muitas outras imagens e formas do *sentir-se junto* a essas pessoas nos levam a envolver-se com as narrativas buscadas em uma nodosidade que perpassa a nós e os “outros”. Em uma constante releitura – a partir dos ditos e não-ditos – que nos envolve nas novas-velhas tramas históricas do ser e não-ser família e sujeitos frente à *fragilidade dos laços humanos*, na indecisão do instante agora, no desapego ao planejado milimetricamente, frente à descrença no projeto racional da Modernidade. Falta de território ou muito a se explorar?

2.2. Estamos na crise da família da “idade de ouro”? Gênero em desmonte

O homem chega em casa, abre a porta e é recebido pela mulher e dois filhos, alegremente. Distribui beijos entre todos, pergunta o que há para jantar e dirige-se para o seu quarto. Vai tomar um banho, troca de roupa e prepara-se para algumas horas de sossego na frente da televisão antes de dormir. Quando está abrindo a porta do seu quarto, ouve uma voz que grita:

Corta!

O homem olha atônito. Descobre que sua casa não é uma casa, é um cenário. Vem alguém e tira o jornal e a pasta de suas mãos. Uma mulher vem ver se a sua maquiagem está bem e põe um pouco de pó no seu nariz. Aproxima-se um homem com um *script* na mão dizendo que ele errou as falas na hora de beijar as crianças.

Luís Fernando Veríssimo!⁴⁹

Voltemos ao título e deixemos à epígrafe para logo mais. O que seria “Idade de Ouro”? Para tal questão uma das possíveis respostas; nostalgia, glorificação de um passado que já não é na vontade e parecer de um tempo cíclico, de um eterno retorno, que para além das histórias heróicas dos antigos gregos divide espaço com o descontínuo e escorregadio tempo pós-moderno; com a pretensão da linearidade saudosa, quase chorosa, dos fios das narrativas que alinhavamos. E essa leitura, não vai longe para se *fazer*, vejamos o que contamos, José Barros⁵⁰, viúvo, pai de doze filhos – seis homens e seis mulheres – 86 anos, residente da zona urbana... Quando tocado sobre família;

⁴⁹ Esse é apenas um fragmento da crônica o ator, para Ver completa ir a: VERÍSSIMO, Luis Fernando. “O ator”. In: *Comédias para se ler na escola*/_____; Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁵⁰ Entrevista n°. 4 com José Barros de Medeiros concedida a autora no dia 14 de janeiro de 2008.

Quem cuidava da casa era minha mãe, aí agente ia trabalhar pra fora, ia mais meu pai pro mei (sic) do mundo [...]. Meu pai trabalhou muito, era que nem eu pra dá de cumer (sic) a família (silêncio) [...]. A família era tudo unido, graças a Deus! Não é como hoje não minha filha. Hoje é desunião [...]. Hoje os filho (sic) nem abença (sic) aos pais dão. Era, era bom; mais hoje as meninas diz: eu vou pra uma festa ali, o pai diz: não vai não; elas diz: num vai não o quê? Ora num vai, vai pra todo canto, se ensoca que ninguém sabe nem pra onde vai [...] *é por isso que o mundo hoje tá assim* [...]. *meus avós dizia (sic) vocês vão ver coisa que nunca viro (sic) na vida, e tavam certo, agora é que tá virado o mundo mesmo* [...].

Essa vontade de linearidade indissociada a narrativa de seu Zé⁵¹ – como gosta de ser chamado – quando traz-nos desde seu convívio familiar apresentado como território seguro, bom, “*era, era bom*”, unido, estilozamente rotinizado, em um processo “naturalizante” de guetificação do público e do privado, e consecutivamente dos gêneros masculino e feminino. Trás uma separação nitidamente pré-determinada, onde o homem da casa sai pra trabalhar enquanto provedor familiar que é, concomitante ao trabalho do interior do lar, por sua vez decididamente feminino, “onde a mulher esquenta no fogão, pra esfriar na pia”, e todos sem medo de errar serão “felizes para sempre”.

Corta! Como disse Veríssimo na epígrafe acima. Pois os estudos culturais são contextuais, móveis, flexíveis e abertos como o próprio mundo pós-moderno. Pois não adianta insistir na família como instituição monolítica⁵², que insiste em uma simetria perfeita da polifonia dos sujeitos familiares, pois estamos falando de um espaço de mobilidade, onde qualquer parte “desencaixada” reformula inclusive modelos familiares desejosos a serem pré-determinados.

Não se trata aqui de deslegitimar a narrativa que amigavelmente nos foi cedida; mas perceber, mesmo que de forma esfumada as subjetivações de determinados papéis sociais que foram sendo individualizados por vezes de forma acrítica, mesmo quando salientando um outro contexto sócio-político-cultural, a saber, das décadas de 1930-1940, esse homem nos fala no século XXI, enquanto negador de vários lugares do ser homem, do ser mulher, nesse ambiente ambivalente, desterritorializante, onde o virtual é real e vice-versa, onde já se

⁵¹ Seu Zé enquanto essa pessoa que insiste nesse “eu sou do tempo antigo”, pode trazer uma autenticidade aliviada (ao mesmo momentaneamente); mas uma angústia conflitante por *estar* em um mundo que não reconhece como seu, nem se coloca como pertencente a ele.

⁵² Estamos vivenciando várias formas de ser família, famílias monoparentais, inipessoais, homoparentais, entre outros contextos do *estar junto, estar bem...* Ainda não apreendidos pelas palavras. Uma leitura interessante pode ser encontrada no livro: **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil** / Antônio Augusto Arantes [et al.]. – 3.ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994..

questionou e questiona os papéis e identidades de gênero⁵³, por motivos que não damos conta de elencar. A perda do que Giddens⁵⁴ chama de *casulo protetor* pode ser um golpe que esse não quer deparar-se, e quando se depara assusta-se. Sendo assim, fechar-se em um *casulo protetor* pode ser uma das vias na busca de algo a se agarrar, na busca do sentir-se seguro, em um mundo onde *hoje tá assim [...] meus avós dizia (sic) vocês vão ver coisa que nunca viro (sic) na vida, e tavam certo, agora é que tá virado o mundo mesmo.*

Para tal avesso, uma questão levantada em sua fala no momento da *escuta* – desses sujeitos que sempre tiveram voz, talvez faltasse quem os escutasse – foi a mobilidade de parte dos membros da família e as possíveis reformulações do (ex)interior dessa instituição construída historicamente como um dos lugares *naturais* de mando, não de todos os envolvidos, pois foi ossificada em um processo constante de hierarquização. Talvez um dos temores hoje, inclusive para os homens que enveredam pelo *casulo protetor* na negação da flexibilização dos espaços femininos, é que esse processo descontínuo e constante vire-de-ponta-cabeça como nos sinaliza Seu Zé, na falta de “obediência” das *meninas que diz: eu vou pra uma festa ali, o pai diz: não vai não; elas diz: num vai não o quê? Ora num vai, vai pra todo canto, se ensoca que ninguém sabe nem pra onde vai.*

Ainda pensando esses espaços de conflito na fala de Seu Zé, na legitimação do lugar de mando do pai, e deslegitimação desse espaço de não-acatamento das ordens do pai pelas *filhas*, talvez se fosse pelos *filhos*... Nas entrelinhas dos poderosos artigos que tem o poder de perpassar o português e gênero das palavras da vida; esse conflito fosse mais ameno, menos perturbador. Na inegável leitura de família onde o *pater* é uma entidade maior, que como tal merece esse respeito-mor, e não falamos de Brasil Colônia e as tendenciosas vontades de simplificação desse recorte, mais formas de desejar ser família no século XXI.

E essa deixa, nos leva a outras das narrativas que invadimos e deixamos invadir, entre essas, fala-nos Batista⁵⁵, casado pela décima quarta vez, 54 anos, morador da zona urbana... Quando deixa em seus ditos e não-ditos os lugares de gênero que encena o *cenário perfeito* da família de antes;

Esse negócio de liberar foi o que estragou tudo [...] A mulher na liberação ta vulgar hoje. E a mulher ta igual, se brincar ta pior que o homem [...] Nessa época não

⁵³ Trataremos logo mais dessa temática, quando da tentativa de relacionar gênero e sexualidade.

⁵⁴ Ver: GIDDENS, Antony. Modernidade e identidade / trad: Plínio dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2002.

⁵⁵ Entrevista n° 6 com João Batista Barbosa concedida a autora dia 15 de janeiro de 2008.

(silêncio), pois quem mandava mesmo era o homem; você vê que a mulher veio se *libertar* de uns dez anos pra cá né (sic)? [...]. Hoje há muita desunião, é diferente, antigamente se convivia mais, o casamento era mais duradouro [...]. Hoje o casamento não é assim, não vai pra valer [...].

No desenrolar da “modernidade” essas “entidades” familiares foram sendo planejadas, segregadas, rotuladas e formuladas para longa duração; hoje alguns buscam o despeço e a efemeridade de não querer para si “rótulos duradouros”, com identidades descartáveis como alguns produtos de consumo. Mas talvez, nem tudo hoje seja tão livre, nem ontem foi tão preso! Novamente deixemos brecha às interpretações, por entender que a responsabilidade de quem se apresenta como pronto é sempre maior...

Sendo assim, o fragmento acima também trás palavras-livro, que denunciam a movência dos lugares de gênero – mostrando famílias em metamorfose – em um processo de destradicionalidade da própria família, que é a “transgressão” aos modelos pré-determinados e facilmente delimitados do ser família, homem, mulher... Romantizados pela modernidade. Onde novamente, mais de outra forma, é sinalizado esse espaço da mulher que vai se publicizando, inclusive na negação desse lugar de doméstica, onde *a mulher ta igual, se brincar ta pior que o homem, pois quem mandava mesmo era o homem; você vê que a mulher veio se libertar de uns dez anos pra cá* lembra-nos Batista ao tratar de forma nublada esse momento de negociações cotidianas, vivenciadas em *mil maneiras* de burlar e legitimar as leituras sociais que colocavam na família *do* homem, onde mulheres e crianças *estão* à analogia do homem como “capataz”, que por uma tendência naturalmente cultural – nada se apresenta tão paradoxal quanto – molda uma família de lugares muito delimitados.

Onde se desmonta na *libertação* dessa mulher, *o que estragou tudo*, causando a *desunião*, onde antes *é diferente, antigamente se convivia mais, o casamento era mais duradouro [...]. Hoje o casamento não é assim, não vai pra valer*. Que nos seus não-ditos escorregam a culpabilização da mulher, que levemente desmontou esse “éden” de convivência harmônica que representava a *não fragilidade dos laços humanos*; que mesmo que queiram ser frouxo, frágeis, não podem assim ser; pois afinal de contas se essa mulher se *liberta*, o faz por antes estar *presa*?

Posto isso, esse novo modelo de feminilidade chamado por Lipovetsky⁵⁶ de *a terceira mulher*, essa *invasora*, que desloca e reapropria-se de espaços antes “seguramente”

⁵⁶ Por uma leitura bastante sensível desses deslocamentos femininos e conseqüentemente masculinos, ver: LYPOVETSKY, Gilles. “A pós-mulher no lar”. In: *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*/_____; trad. Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 218-236.

masculinos. É a mulher inserida na rede que sai da dependência a interdependência, que nega caminhos pré-traçados; é aquela indefinível, que tenta se ausentar de identidades estéreo-tipadas, talvez mais encaixáveis a *primeira mulher* e seu papel de figurante no palco social de dominação masculina, a “sagrada” *mulher-lar*, que lentamente foi modificado seu papel ao de coadjuvante, na cena da *segunda mulher*, que se incorpora ao mercado de trabalho, sem dever pensar (ainda) que assume o papel de protagonista.

Papel não só desejado como conquistado pela *terceira mulher*, incômoda aos machos desejosos de dominação, aos que dizem que esse deslocamento, *esse negócio de liberar foi o que estragou tudo...* Pois a teia de poderes ganha contornos diversos, múltiplos, e isso refugam alguns que não aceitam essas re-configurações sociais. Em nome de um moralismo que auto-condena e tenta esconder os não-ditos que levaram ao desenlace casamental pela décima quarta vez.

Dentre tantos “disse-me-disse”, essa leitura tradicionalmente segura e linear, antes de ser segurança, pode ser perturbação, em se tratando dessa dinâmica mutante que vivemos. Pois ser homem ou mulher depende do monitoramento constante do corpo e dos gestos corporais, de uma negociação permanente desses lugares situacional e momentaneamente, na incertização do agora!

III CAPÍTULO

SER OU NÃO SER? REPENSANDO GÊNERO E SEXUALIDADE

Dessa condição de conviver com o semelhante advém à metáfora da bula. Tal como no caso dos remédios, a bula contém a composição do sujeito (quem ele é ou o que se pretenda que ele seja), as indicações de uso (seu lugar e função no mundo), o modo de usos (como agir, desejar) e até mesmo os efeitos colaterais (riscos decorrentes de sua presença no mundo).

José Sterza Justo

Uma rápida exposição aos leitores menos familiarizados com reflexões sobre gênero, aqui se faz interessante, em um momento de rebusca e analogia à própria palavra e alguns possíveis impactos nas vivências cotidianas pós-movimentos de contestação – rebusca talvez necessária inclusive, para momentos anteriores dessa produção – mas prossigamos... Para tanto, aproximamo-nos de Sousa ao colocar que “o conceito de gênero foi construído a partir do vocábulo inglês *gender* e é utilizado para falar da construção cultural e simbólica das relações homem-mulher. Falar em gênero é, portanto, pensar não em homens e mulheres biologicamente diferentes, mas em masculino e feminino constituídos a partir de relações sociais fundadas nas diferenças lentamente construídas e hierarquicamente determinadas”⁵⁷. Entretanto, para tal vontade de determinação, um mundo de burlas e trampolinagens pode emergir, e não é interessante deixar de sinalizar isso.

Em proximidade ao extratexto acima, construímos nosso discurso a partir de um arsenal de escolhas, minúcias e detalhes que o mergulhar na pesquisa nos possibilita se não pegar, ao menos tocar. Em contato com tecituras de tramas e relações de poderes, que percebem um processo descontínuo de integração e diferenciação de gênero⁵⁸ enquanto nódoa, em uma ininterrupta negociação de perfis que se fazem, desfazem, refazem, forjando novas-velhas formas.

Sinalizando essas plurais formas de perceber e repensar gênero, os estudos e as críticas feministas desarmam campos teóricos a perceber as sensibilidades e as negociações cotidianas que se fazem e refazem em torno dessas. “Juntamente com a influência da psicanálise, tanto

⁵⁷ Para saber mais sobre as discussões de gênero que a trás a autora, ver: SOUSA, Valquíria Alencar de. **Um olhar de gênero nas temáticas sociais** / _____. João Pessoa: Idéia, 1997. P.

⁵⁸ “Segundo Henrietta Moore, a distinção entre sexo biológico e gênero mostrou ser absolutamente crucial para o desenvolvimento da análise feminista nas ciências sociais dos anos 70 e 80, porque possibilitou demonstrar que as relações entre mulheres e homens e os significados simbólicos associados às categorias “mulher” e “homem” são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados”. Para Saber mais: MOORE, Henrietta. **Antropologia y feminismo**, Madri: Cátedra, 1996.

freudiana quanto lacaniana, e do pós-estruturalismo”⁵⁹, que ajudaram a redimensionar o interesse nas identidades de gênero, suas subjetividades e frágeis construções que perpassam o “par-ímpar de Pitágoras” na associação dos opostos e aos binarismos do homem-mulher, masculino-feminino. Onde recolocando alguns ditos, sem enaltecer – e elevar demais – tais movimentos sócio-históricos, o feminismo cambaleia entre o desmonte, inversão e a reprodução de tendenciosos determinismos. Mas deixemos para outro momento, tal discussão que acirra ânimos por onde passa. Talvez essa não seja à hora!

Voltemos à epígrafe que se não passada a invisibilidade, fez-se inquietante para quem se aproxima das leituras apresentadas em intertexto com nossas escolhas. “A metáfora da bula”, indicada por alguns (inclusive psicólogos) quando da vontade de localizar e limitar as possibilidades do *ser*, e mais audaciosamente aquilo que o cerca, colocando-o em uma redoma que diagnostica o *ser* e seus *fazer*s. Enquanto representação da imagem invertida das leituras multiculturais e em aberto em circularidade na pós-modernidade. Trazendo como requisição uma gama de não-ditos que não atestaremos por ver na historicização dos sujeitos e em suas diferenças... No sentido mais plural, uma relação de alteridade viva e metamorfoseante do fazer história. Salientando que essa pode ser uma das vias, pois o texto é um *meio*...

Um meio que (aqui) não mais convencido da racionalidade cientificista recria uma “hiper-realidade”⁶⁰ frente ao tédio do “real” que se vê apresentar. Procurando nas palavras menos erradas, formas de pensar os espaços em metamorfose que elastecem, fragilizam e/ou fazem cair por terra às fronteiras de gênero, quando apresentado de forma coisificada. Sendo assim, pegamos o caminho mais aberto... Para caminhar na análise dos discursos, nas trajetórias de vida que nos foram narradas, e passam a serem re-narradas cada vez que tocadas, escutadas, lidas...

3.1 AMAR OU NÃO AMAR? SENSIBILIDADES EM CONFLITO

Uma vontade de recorrer – novamente – a Filosofia nos toma, em uma questão que se lança em múltiplas respostas, que terminam por se anularem nessa busca por verdade. Então por que tratar de sensibilidades indizíveis, ditas inviezadamente, salientando a incompletude e

⁵⁹ SCHULMAN, Norma. “O center for contemporary cultural studie da Universidade de Birmingham: uma história intelectual”. In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** / Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3.ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica; 2006. 240 p. – (Estudos Culturais, 2).

⁶⁰ Uma leitura pensada no campo cultural que envereda repensar a pós-modernidade, para mais ver: SHULLER, Fernando. “Metamorfoses da modernidade”. In: **Metamorfose da cultura**/ Fernando Schuler e Juremir Machado da Silva (orgs.). – Porto Alegre: Sulina. 2006.

desejo de crítica que pode vir a abrir-se frente a esse não deixar quieto? Por termos sido inquietados pelas narrativas talvez seja um dos motivos, assim como por sentir-nos desafiados em trabalhar com sensibilidades, sexualidade e gênero.

Dentre as narrativas que nos bolinaram do lugar, duas em especial travaram “conflitos de amor”, dentre essas, temos a de José Fratelo, que prefere ser chamado de Sabrina Pavanely, solteiro, 20 anos, morador da zona urbana... Quando fala-nos do espaço relacional do conquistar e deixar-se conquistar. Dize-nos;

Eu acho que amor entre pessoas do mesmo sexo não existe [...]. Chegar a sentir amor verdadeiro um pelo outro é uma mentira que eu discordo [...]. É prazer por prazer [...]. Minha relação (sic) com alguns homens são praticamente, praticamente não, são escondidas [...]. Aqui em cubati a cidade é pequena, a senhora sabe né (risos) [...]. Ninguém quer que o homem fique com o homossexual [...]. Agente todo mundo sabe que gosta de homem [...]. Nunca senti nada por mulheres, j-a-m-a-i-s [...]. Agente não tem o que esconder, fiquei com um certo rapaz, vacilei, contei pra uma amiga e ela espalhou, o cara veio querendo me bater (risos) foi um vira e meche só, quase me mata (risos)

Nossa leitura vem sendo construída no descontínuo que se forja. Sendo assim, quando Fratelo-Sabrina - esse sujeito que nega ter por uno inclusive o nome - fala-nos das formas de relacionar-se, um leque de possibilidades de desmontar e refazer leituras de gênero se apresenta à mesa, nos possibilitando começar o jogo. Sendo assim, escolhemos ou escolheram por nós as palavras como cartas, por vezes mais desafiadoras que os números do baralho. Seus ditos passam a problematizar lugares desejosos de serem fixos. Pois *nunca senti nada por mulher, j-a-m-a-i-s; agente todo mundo sabe que gosta de homem, ninguém quer que o homem fique como homossexual, minha relação com alguns homens são escondidas*. Uma das cartadas possíveis é questionar: Qual a fronteira capaz de colocar de um lado o homem e do outro o homossexual? Os fragmentos escolhidos fazem nos ditos uma delimitação onde o homossexual *todo mundo sabe que gosta de homem, j-a-m-ai-s senti nada por mulher*; o que leva ao oposto o homem que é homem. Eis a questão dos não-ditos que agem como *nódoa* cinzenta que esconde e provoca o desmonte da cerca-fronteira. Pois se o homem que é homem gosta de mulher, o que *estão* sendo os que (não)dizem relacionar-se com outros homens

escondidos? Questões que fraterno-Sabrina nega-se a fazer, talvez por uma estratégia de defesa, ao menos no momento de *escuta*.

Pois há uma delimitação que toma por nítida entre o ser homem, e uma de suas projeções, o ser homossexual, enquanto entidades em separado, que se rejeitam e talvez só existam frente a essa vontade de repulsa, de separação de lugares e desejos. *J-a-m-a-i-s* por mulheres, conta-nos em relato, fazendo com que interrogações nos incomodem a ponto de quisermos dividi-las agora, sendo essa: porque dessa aversão tão enfática, encenadamente não-autruísta no *j-a-m-a-i-s* ter desejo por mulheres?

Ainda repensando seu discurso, quando fala-nos: *eu acho que amor entre pessoas do mesmo sexo não existe, é uma mentira, é prazer por prazer*. Mentira ou verdade, existir ou não existir *amor*; esse sentimento que de tão “puro” pode ser sentido e vivido por pessoas de sexos opostos e desautorizado para o inverso. É também aqui a subjetividade da hierarquia dos sexos, do pode ou não-pode sentir prazer (enquanto sensação mensurável que não é), que se faz perceber a separação dessas sensações em pólos tão distantes, *amor* e *prazer*, respectivamente ditos como “pureza” e “libido”, espaços que não se cruzam? Sendo assim, que se angustiem os que vivem nesse cruzamento, pois os não-ditos é *mentira*, nessa relação discursiva de negação. E é pela complexidade de tentar falar do indizível que permitimo-nos desconfiar das fontes, deixando-nos abertos⁶¹ a outras leituras...

Posto isso, suas falas já denunciam outras formas de lidar com o sacralizado ritual de contenção libidinal, nessa nova cultura que centraliza (o antes negado) prazer sexual, que com a individualização dos sujeitos – inclusive o feminino – outros “cantos” são visitados para além do lar da primeira mulher⁶², lembrada por Lipovetsky. E esse deslocamento reformula e permite o dito *prazer por prazer*, sedimentando novos territórios e desterritorializando outros, nesse novo mundo possibilitador e por vezes legitimador dos desejos. Logo mais, voltaremos a repensar esses deslocamentos!

Para tanto, reafirmando esses lugares de relacionamentos, permissões e proibições do ser ou não ser homem, outros fragmentos de sua História de vida nos é narrado. Conta-nos Fraterno-Sabrina;

⁶¹ “O nosso lugar é hoje um lugar multicultural, um lugar que exerce constantemente suspensão contra supostos universalismos ou totalidades”, lembra-nos Boa Ventura. Para esse, não há como sermos rígidos pensando identidades culturais, comungando inclusive com Stuart Hall (já antes citado), quando trabalha com o conceito de identificações pela diferença. Para saber mais ler: SANTOS, Boaventura. *A crítica à razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

⁶² Essa expressão quando usada por Lipovetsky, repensa os lugares sacralizadores da mulher essencialmente dona-de-casa – a primeira mulher – que melhor apresentar-se-ia em: LYPOVETSKY, Gilles. “A pós-mulher no lar”. In: *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*/ _____; trad. Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 231-236.

Eu não optei por ser homossexual, vou usar saia [...]. Fui me identificando e de repente quando eu vi tava ali, tava vivendo isso [...]. Quando minha mãe saía de casa eu pegava (risos) e pegava uma toalha e botava na cabeça pra dizer que era cabelo longo de mulher [...]. Eu pretendo me transformar [...]. Não acredito que deixo de ser filho de Deus por isso [...]; eu sou igual a todo mundo [...]; eu me identifico muito com religião, sou muito católico, rezo muito, peço muito perdão, pois não sei se to errado, quer dizer né (sic)? (risos). Imagino, por ler a bíblia que não é o certo.

Percebemos o mundo simbólico dos signos que fazem sentido nas vivências cotidianas das práticas ordinárias, desse sujeito que coloca-nos: *eu não optei em dizer eu sou homossexual [...]. Quando minha mãe saía de casa eu pegava saia [...]*; Vejamos: *dizer não-optei por...* Faz parecer algo inato, um quase “defeito genético” inevitável de fuga e cura, o que o próprio descreve por *opção* sexual, concomitantemente paradoxal a suas escolhas, por sua vez, construções diárias cheias de detalhes, de minúcias do pegar *saia escondida...* Entre outras deixas que sua elaborada reformulação discursiva quando descuidada nos permite invadir.

Novamente uma figura de linguagem invade sua fala, a saber, o paradoxo, na construção reelaborada do que dizer e do que não-dizer. *Eu sou igual a todo mundo, eu me identifico muito com religião [...], peço muito perdão, pois não sei se to errado... Imagino, por ler a bíblia que não é certo!*

Nesse momento o “eu” fragmentado em múltiplos “eus” encena-se, na tentativa de anulação das diferenças, operação sem sucesso, pois esse sujeito reforça a existência dessas, que se tornam tão presenciáveis que se faz necessário uma negociação ininterrupta com “n” discursos⁶³, aqui mais veementemente com o religioso-católico. Para tanto, uma discussão sobre religiosidade, delimitação de papéis sociais e formas de *ser*, inclusive no discurso religioso, é uma releitura que se reformula - nos t(l)empos pós-modernos, e não se trata aqui de deslegitimar a tradicionalidade, mas perceber – ao menos epidermicamente – as plurais formas de reapropriar-se desse tradicional, também, na destradicionalidade daquilo que

⁶³ Percebemos em cena uma constante re-negociação de lugares, a encenação dos palcos discursivos do que dizer e de que forma. Pois para além da permissividade de suas escolhas (pensando Altemir-Fratelo), no *Eu sou igual a todo mundo*, logo, nada faço que desagrade a ninguém, nas mesmidades de suas falas; um outro pólo se forja, no mesmo momento discursivo, nas culpabilizações das formas se não *erradas* também não *certas* de fazer suas *trampolinagens* prazerosas, mas pecadoras. Sobre uma interessante leitura desses espaços de *desvios* plurais e descentrados, ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer/* trad. Ephraim Ferreira Alves – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

contradiz uma vontade de essência e unicidade. É sabendo que o trabalho presente não dá conta de uma interessante cumplicidade com a literatura dos discursos religiosos, e que também não é a proposta presente do estudo, que deixamos por aqui – mas não por acabado – o discurso que se constrói permitindo-se levar pela pesquisa.

Salientando que o interesse agora presente é buscar as representações desse sujeito múltiplo e fragmentado, que imerso em uma relação de alteridade, deixa-se transbordar de sensibilidades em metamorfose; que se faz percebido as auto-identificações e as construções das identidades a partir de oposições e conflito. Uma troca de lugares que se (re)fazem relacionalmente, não passivamente, em uma interação informante-pesquisador que perpassa o esperado, trazendo na “surpresa”, no inesperado, a riqueza das narrativas.

Um universo complexo e instigante, ainda repensando relacionalmente, a sexualidade e as formas de perceber-se envolvido nessas tramas, é recontado Altemir, que prefere ser chamado por Keethelen Marrone⁶⁴, solteiro, 23 anos, morador da zona urbana cubatiense... Quando conta-nos das suas experiências em proximidade e/ou distância para com o discurso de Fratelo-sabrina. Onde diz-nos;

Não, licença bicha! Da minha parte eu cheguei a amar, eu já amei uma pessoa do mesmo sexo, você é prova disso, agora não sei da parte do meu parceiro [...]. Eu cheguei até a c-h-o-r-a-r amiga (risos). No meu caso eu já cheguei a beijar uma mulher, nem gostei, mais foi um beijo roubado, chegar a amar mulher n-u-n-c-a [...]. Aí agente pra arrumar um parceiro, namorar em uma praça j-a-m-a-i-s! Na boate mesmo, agente já chegou a beijar, dançar; mais o dono da boate é preconceituoso com certeza, nem beijar pode, porque botava pra fora [...]. Sobre homossexualidade, foi uma escolha minha e eu gosto de ser aquilo que eu sou.

⁶⁴ É interessante ressaltar uma das falas não destacada de seus relatos no texto discorrido (no caso de Altemir-Keethelen), a saber, o processo de nomeação, de incorporação desse outro lugar, que pretendido a “espelhar-se” no feminino, pede que o nome também comungue com a pretensão. Há que pensar aqui sua aparência externa, o seu sexo psicológico. Esse querer harmonizar o caráter feminino ou masculino; do prenome à sua aparência. Vejamos – também – essa modificação das sensibilidades com os corpos, pois antes o nome quase obrigatoriamente relacionado ao parentesco e intenções religiosas, nomes de parentes e/ou nome de santos, hoje, a partir de seu discurso percebemos que a “mídia-pop” também já alcança esses lugares, pois diz-nos: “*eu escolhi esse nome, o primeiro porque é chique, e o segundo porque sou fã de Bruno e Marrone...*”

Começamos pelo final de sua fala, quando do “eu gosto de ser aquilo que eu sou”⁶⁵, na leitura que mesmo indiretamente joga com as identidades e diferenças daquilo que “eu” (s) sou o que você não é⁶⁶, essa insaciável necessidade de reafirmar um lugar definível, dizível, que demarque fronteiras de gênero – que por sua vez são elásticas, móveis –. Distanciando-se da narrativa de Fratelo-Sabrina que prefere anular-se entre os *iguais*, reformulando nosso dito, reafirmar se “lugar ao sol”, de forma mais cômoda e segura. E nesses intercruzamentos, nas linhas de fogo cruzado, novas batalhas se travam entre os ditos e desditos.

Amar ou não amar? Por mais escorregadio e polissêmico que seja o conceito, falavamos (Keethelen e Sabrina) não simetricamente de sentimentos relacionais que mesclam sexualidade, prazer... E outras sensações do *estar* junto, ou “*ir passando*”. Por que não-simétricas? Por tratar de retóricas por vezes dispares que tentavam persuadir o outro. Coloca Altemir-Keethelen que: *da minha parte eu já cheguei a amar, eu já amei e você é prova disso*. E Estamos interagindo em um embate discursivo de pessoas que preferiram falar conosco juntas, que *aparentemente e confessadamente* se identificam nas praticas cotidianas, nas artes do vestir, dançar, flertar, divertir-se...

Percebem como as posturas e códigos sociais estão em negociação e inter-relação cotidianamente? E que nos lugares e estilos de vida mais diversos, não conseguimos nos desprender da leitura de que “*o homem é plural, diverso, descentrado, um labirinto composto através das interações que se estabelece. Ou seja, o homem emerge do novo que caoticamente surge*”⁶⁷.

São nesses espaços discursivos que circulam formas de pertencer a sensações em conflito, entre permissões, proibições, entre a publicização e o escondido. Mas tentemos não fugir da fala de Altemir-Keethelen, quando diz: *você é prova disso*, esse tenta solidificar sua forma de relacionar-se enquanto algo que de tão verdadeiro é provável, e isso incomoda Fratelo-Sabrina que diz – ainda tentando passar-se a verdade – não passar de *ilusões*. Forjando mais um espaço de desconexão com leituras que tentam homogeneizar, dar unicidade a

⁶⁵ Sobre tais questões de identidades, coloca-nos Stearza Justo: “sou e quero o que ele não é e não quer”, pensando identidades relacionais de negação e auto-reconhecimento. Ver: JUSTO, José Sterza. “A psicanálise lacaniana e a educação”. In: CARRARA, Kester (org). Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo. Avercamp, 2004. P. 97.

⁶⁶ Uma leitura interessante e discorrida mais facilmente encontra-se em: SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ _____ (org.). Stuart Hall, Kathtyn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 73-102.

⁶⁷ Essa leitura sobre sujeito é realizada por Lopes quando pensa as novas identidades docentes e discentes que circulam no espaço da escola. O que interessa-nos agora são as leituras sobre identidades. Para saber mais ir: LOPES, Rosana Pereira. “Um novo professor: novas funções e novas metáforas”. In: Redes Digitais e Metamorfose do Aprender/Hugo Assmam (org), Rosana Lopes, Rosemere Carvalho do Amaral Delcin, Gilberto Canto, Getúlio de Souza Nunes. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006. P. 38.

identidades de gênero, a tribalização, como lembra-nos Mafesoli⁶⁸ na negação do substancialismo, no deixar ser pela lei do “outro” (decepção para quem busca simplismos na multiplicidade do interior de si).

Sendo assim, ainda repensando a fala de Altemir-Keethelen e as possibilidades de uso de seu discurso, quando busca pensar a noite cubatiense, a saber, a boate, trazendo denúncias experiências; diz: *Na boate mesmo, agente já chegou a beijar, dançar; mais o dono da boate é preconceituoso com certeza, nem beijar pode, porque botava pra fora.* Uma representação dos espaços delimitados, onde tem que saber o que pode ou não acontecer, quem e de que forma podem se envolver sexualmente nos ambientes visíveis... E tantas outras reflexões que podem ser trabalhadas em tangência com a fala de Maria das Neves⁶⁹, casada, 58 anos, dona de boate por mais de vinte anos, moradora da zona urbana... Quando relatava-nos dentro desse espaço noturno de festas e sociabilidade, nem sempre harmônico. Dize-nos;

Outro dia até aquele viado Altemir foi uma confusão na boate, porque ele saiu e foi pro banheiro das mulheres (silêncio), aí veio me contar, Dona Maria Altemir está indo pro banheiro das mulheres, e eu fui lá, chamei e falei com ele, você não vá mais, porque não dá certo [...]. Aí eu perguntei: Altemir, por que você foi pro banheiro das mulheres? Vá pro dos homens, e ele disse: não! Eu sou mulher e quero ir pro banheiro das mulheres [...]. Eu acho *ridículo*, eu não dou ponto a isso não, *eu acho que ele tinha que fazer como homem mesmo...*

É uma narrativa que dispensa culpados e tenta culpar ao “tempo” por essas metamorfoses que deslocam lugares, confundem discursos, provocam negociações, retorcem sujeitos (em casulos), na negação desse espaço *estranho*. Como no discurso de Altemir-Keethelen já denunciava a não-permissão do relacionar-se no interior da boate, o de Dona Maria, como é re-conhecida, trás esses estereótipos que representam à parte e o todo ao qual se envolve, em uma ralação não-extemporânea.

Outro dia até aquele viado Altemir foi uma confusão na boate, porque ele saiu e foi pro banheiro das mulheres, e isso não é “papel de homem” para Dona Maria, isso é

⁶⁸ Para Mafesoli nos identificamos nos outros, no que querem de nós. Para perceber mais profundamente sue discussão ver: MAFESOLI, Michel. “O retorno das emoções sociais”. In: *Metamorfose da cultura*/ Fernando Schuler e Juremir Machado da Silva (orgs.). – Porto Alegre: Sulina. 2006.

⁶⁹ Entrevista n°. 3 com Maria das Neves Cassimiro de Lima cedida a autora dia 14 de janeiro de 2008.

perturbação, confusão que não existiria se todos os homens aceitassem ser o que são, afinal de contas *eu acho que ele tinha que fazer como homem mesmo*, é como se houvesse uma entidade maior que representasse o *ser homem*; e esse não seria alguém que se senti mulher a ponto de entrar no banheiro reservado para essas, pois homem que é homem tem que saber o seu lugar, saber que deve honrar as calças que veste se não passa ao *ridículo*. Esse último um palavra-livro onde o caos se encena, na negação extrema dessa inversão dos papéis, é aquilo que trás em si a ridicularização desse mundo perdido, que as entrelinhas de seus ditos nos permitem sinalizar.

E é nessa tentativa sempre incompleta de repensar a historicidade desse espaço nebuloso, que nódoas de gênero borram as relações desses sujeitos históricos onde, na vontade de se agarrar a algo seguro, vê por *estranho* e *negativo* o que não-é facilmente definível.

3.2 ZONAS NEBULOSAS: ESPAÇOS DE NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO

Nesse espaço magnético, onde as pessoas passam a se construir pelo olhar do “outro” na repulsa e atração, nas identificações e na *flexibilização* dos espaços relacionais, *zonas nebulosas e espaços de negociação de gênero* se forjam no cotidiano ordinário das práticas e fazeres. Entre essas o “espelhismo”, na formulação das imagens de si que são operacionalizadas. Para tal discussão fala-nos novamente Altemir-Keethelen;

Minha mãe vai morrer sem nunca aceitar [...] eu ser o que eu sou [...]. Aí eu enfrentei ela e disse eu sou *homossexual* [...]. Aqui no linguajar da gente, pode se dizer também travesti, porque agente se traja também de mulher [...]. Eu acho que não faz vergonha não, até peça íntima compro pra mim, calcinha pode se dizer assim, porque eu gosto de vestir desde os meus 15 anos, que eu me declarei pra sociedade (silêncio), aí eu passei a vestir tudo, se é pra colocar salto e mini-saia, é pra colocar calcinha também (risos). Eu tenho alma feminina [...]. Até porque eu sou homossexual, você é mulher, seu irmão é homem; tem outra homossexualidade que a mulher é gay também [...]. E eu acho que *Homem tem que honrar as calças que veste, já eu não honro as calças que visto (risos) porque não visto calças* (risos).

Esse corte final na sua fala, de forma hilária brinca com os ditos que circulam socialmente demarcando o papel do homem e da *honra* que esse deve sempre caminhar junto para ser aceito socialmente. Tendo como veículos de legitimação os mecanismos discursivos, antes mais fortemente médico-higienista, estatal, religioso⁷⁰... Além dos ordinários que não de hoje tentam fincar raízes. Hoje tais discursos também se metamorfoseiam nos plurais espaços de encontros virtual-reais, televisivos, digitais, musicais, estandartes, presenciais... Em uma rede onde não se consegue negar mais esse sujeito menos preocupado com a *honra*, por entender essa talvez de forma polissêmica, no fazer acontecer do chão-do-dia-a-dia (o que Hall⁷¹ já sinaliza em suas leituras sobre identidades, ou será identificações? O sujeito descentrado que chega a temer rótulos duradouros...).

É uma relação que passa da indiferenciação à diferenciação em um celeiro de simbolismos onde diz Altemir-Sabrina: *eu me declarei pra sociedade, eu enfrentei ela, e disse eu sou homossexual. Aqui no linguajar da gente, pode se dizer também travesti, porque agente se traja também de mulher*. E tudo é muito “claro” do seu lugar de fala, a ponto de não ter o que esconder e declarar socialmente em uma prestação de contas? Talvez; mas outros ditos, deslocam essa imprecisão com as formas de se auto-identificar; afinal de contas há homogeneidade entre o *homossexual* e o *travesti*?⁷² Para o que narra ambos se transformam em um, para leitura que desenvolvemos o processo de identificação está em aberto, refazendo-se cotidianamente. E isso é tido apenas como pontos de vistas diferentes situacional e horizontalmente...

Eu tenho alma feminina [...] Até porque eu sou homossexual, você é mulher, seu irmão é homem; tem outra homossexualidade que a mulher é gay também [...]. Dize-nos Altemir-Keethelen quando do processo aceso de delimitação de papéis e identificações, percebíveis a serem substanciais quando trás a idéia de alma feminina, enquanto uma essência una-homogênia que pode não ter todas as mulheres, mas esse tem. E isso é reafirmado na

⁷⁰ Uma extensa bibliografia trata dessa circularidade discursiva que cercou o Brasil e outros espaços entre o final dos séculos XIX e XX. Entre essas, trabalha com a arqueologia desses mecanismos discursivos Durval, em referência já citada.

⁷¹ Ver: HALL, Stuart. “A identidade em questão”. In: *A identidade cultural na pós-modernidade/* ____; trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 4.ed. – RJ: DP&A, 2000. P. 7-46.

⁷² Sobre esse aspecto fala-nos Pereira: “neste sentido vale a pena considerar o ‘travestismo’ [...]; Embora extremamente interessante do ponto de vista do modo contemporâneo de lidar com as questões da identidade, da simulação, ou mesmo das complicadas articulações entre masculino e feminino, o fenômeno, até o momento (pelo menos no Brasil), só foi tratado (e ainda de modo bastante superficial) pela imprensa, merecendo uma reflexão mais detida. Ver: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “Que homem é esse? O masculino em questão”. In: (originalmente publicado como em Sócrates Nolasco (org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, pg. 53 a 58. Reproduzido com autorização do autor). Disponível no site: : <http://www.artnet.com.br/messeder#nota%201>.

apresentação dos diferentes; *mulher, homem*. E na legitimação do seu *aparentemente* reconhecido lugar de *homossexual*. Uma leitura que desdiz inclusive as várias formas anteriores de se perceber enquanto *ser*. E é desse espaço de desejo e negociações que a narrativa passa em frente e entrava-se nas escorregadias palavras.

Ainda repensando esse refazer-desfazer interdependentes de papéis, identidades e identificações desse *ser* “geneticamente social”; tentamos a partir dos discursos cedidos, mapear outras relações que a todo instante transformam rivalidade em identificação, de sujeitos que se constituem nas encruzilhadas. Vejamos novamente Fratelo-Sabrina quando coloca-nos;

Eu tenho pra mim por experiência minha, que assim, a mãe aceita porque é filho, mais no fundo ela não aceita, ninguém venha me dizer que aceita [...]. Ela queria da forma que criou, de forma que nasceu, vê esse lado [...]. Eu acho que me vejo que não tenho direito de ter preconceito de ninguém, porque eu sou vítima disso, do preconceito [...]. Aqui o que mais tem é preconceito [...]. Mais eu cheguei aqui [...]. Agente inventava de brincar de casinha e eu queria ser a mãe (risos), não queria ser filho, nem pai, queria ser a mãe desde criança (risos) [...]. Eu acho que somos mais homens do que outros [...]. Porque homem acha que é homem porque tem os negócios no meio das pernas. Eu acho que homem deve saber o seu lugar e o dos outros [...]. Assim se eu fosse, apesar de que eu sou homem, só tenho uma opção diferente né (sic)?

Na pós-modernidade o aceleração de inquietações que re-existem na configuração cotidiana, re-encenam as formas de ser nas táticas e estratégias como lembra-nos Certeau. E é dessas forjas que Fratelo-Sabrina conta-nos que: *Agente inventava de brincar de casinha e eu queria ser a mãe (risos), não queria ser filho, nem pai, queria ser a mãe desde criança (risos)*, em um processo de reconhecer-se pertencer a um outro espaço, não legitimado socialmente, mais interiorizado como o que é. Ou seja, a nítida separação do rosa e azul, respectivamente, menina e menino⁷³, não foi suficiente para preencher o universo simbólico das representações cotidianas desse sujeito. Para além, *Eu tenho pra mim, que assim, a mãe aceita porque é filho, mais no fundo ela não aceita [...]. Ela queria da forma que criou, de*

⁷³ Pensando essas primeiras impressões que identificam o menino e a menina como seres opostos, que pedem diferentes cores para delimitar seus espaços, ver: STEARNS, Peter N. “Causas de mudanças e o modelo moderno de infância: avanços no ocidente, do século XVIII a 1914. In: _____ **A infância**; [tradutora Mirna Pinsk]- SP: contexto, 2006. – (coleção história mundial).

forma que nasceu, vê esse lado [...] Mas o que ela vê não é o que se apresenta, é o inverso do que esperava, e assim sendo como trabalhar com essa “diferença”? Entre conflitos e negações, seus ditos nos trazem, ao legitimar uma estratégia de defesa na busca pelo sentir-se seguro, que o novo se “desmanche no ar”, pois ela queria da forma que criou, de forma que nasceu, vê esse lado.

Esse lado que autoriza a criança como *ser* moldável? Não sejamos tão “outsiders”, trata-se - antes de qualquer coisa - de negar as “roupinhas unissex”, a partir de um conjunto de leituras-de-mundo que a cercam e por vezes são subjetivadas nessa inconstante negociação, barrada quando tratar-se-ia do seu *filho homem*, que devia brincar de carrinho e não de boneca, que quer ser o pai-chefe-da-casa e não a mãe-doce-doméstica.

Mesmo nesse ambiente de conflito, onde seus fazeres confunde-se com burlas, falamos: *Eu acho que somos mais homens do que outros [...]. Porque homem acha que é homem porque tem os negócios no meio das pernas. Eu acho que homem deve saber o seu lugar e o dos outros [...].* Como coloca Buriti⁷⁴ (apud Rolnik, 1998: 69) “a sociedade está incorporando novas territorialidades sentimentais e a maneira como macho e fêmea se tocam, se apresentam e se seduzem não faz mais sentido. Homem e mulher estão sendo vividos no corpo de um outro jeito, cuja linguagem apenas começa a se esboçar. Isso tem deixado homens e mulheres desorientados e sozinhos”. Trazendo ao que nos interessa esse sujeito desorientado, desterritorializado e desterritorializante, enquanto aquele que negocia seus próprios lugares ininterruptamente, vê-se discursivamente como aquele que sabe o seu e o lugar dos outros... Teoria sem pratica ou pratica sem teoria? Talvez nenhum dos dois... Apenas nossas tentações de enquadramento. Esperamos resistir por momento!

3.3 SEXUALIDADE EM NOTAS MUSICAIS

Nesse momento dos últimos suspiros de produção - que esperamos ser os iniciais e cheios de fôlegos da pesquisa - nada se fez mais interessante que *escutar* música... Uma escuta de plurais interesses, forjados nas narrativas que repensaram curiosa e instigantemente uma inter-relação – também dos discursos e gesticulações musicais com a hipersexualidade

⁷⁴ O trecho em citação faz parte de um artigo, onde Buriti busca repensar o exercício do magistério tomando como personagem a figura de Anayde Beiriz, e inevitavelmente a reconfiguração de lugares e leituras de gênero que pensavam uma essência para o ser professora, assexuada, materna... E no rebolado de Anayde, esse lugar de fuga e não-essência, o descentramento se faz na figura antagonica dessa mulher-homem, de cabelo à la garçonne. Para saber mais, buscar: OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “Rebolando com o magistério”: o professor e as relações de gênero no período modernista – um estudo de caso sobre Anayde Beiriz. MNEME: Revista de Humanidades, Rio Grande do Norte, v.1, 2000.

(Pensada aqui a partir da apelação ao libidinal nas músicas, que sinalizam mulheres enquanto multiorgásmicas, e homens enquanto insaciáveis...). Em uma leitura extremamente rica e densa, por isso mesmo tocada apenas superficialmente por nós.

Pensando o sexo na pós-modernidade, Bauman em “sobre a redistribuição pós-moderna do sexo: a história da sexualidade, de Foucault, revisitada”, repensa o sexo enquanto construção que ganha e desprende-se de formas a partir de outras leituras que circunscritas nas interpenetrações dos espaços, entre esse o da mídia, recodificam formas do estar junto, em uma relação transferencial e “sem volta”, do “até que a morte nos separe, ao até que o beijo... Acabe!”; ironia com ares talvez generalizantes, mas com intenções de ser apenas provocadora, não acabada, na sinalizada confluência das permanências e/ou rupturas. Pois é – também – a partir dessa sensibilidade, que vemos entrecortar subjetividades que dialogam com a música, tema às vezes de casais de novela⁷⁵, e expressões “popularizadas” (pela amplitude da difusão); “pois a fila anda...”. E é percebida a rapidez com que p-a-s-s-a, nos relatos com que nos inter-relacionamos.

Uma das alfinetadas que nos fizeram levantar do lugar na busca do “alfinete” deu-nos Batista⁷⁶, que trabalhou em rádio desde a década de 70 e hoje por motivos não apresentados, trabalha com barraca de lanches nas festas não só em Cubati, mas cidades circunvizinhas. Quando de interessantes associações entre discursos midiáticos⁷⁷, em foco, o musical e as redes que o interconectam, entre os fios, a hipersexualidade e novas formas metamorfoseantes do relacionar-se. Fala-nos;

Você vê hoje, é beber, cair, levantar; como é? A moda agora é, é namorar pelado... Quer dizer, isso com toda essa mídia em cima, né? A mídia e os jovens, faz até medo o futuro [...] Mas a gente vê direto os jovens, e aí? Mais fulano hoje beijei dez, peguei fulana, você ver criança de três anos cantando essas músicas, é mesmo que mandando fazer! Apelativo, antes já não era, como a música de Amélia, a mulher de verdade [...] Hoje ninguém quer ser

⁷⁵ lembramos aqui de Elvira e Regis, o casal – talvez – mais pós-moderno da novela “sete pecados capitais”, em constantes negociações relacionais, onde a fila andava... Para ele e para ela! Em relacionamentos que representam da fragilidade dos laços humanos, a busca de algo duradouro. (novela de Walcyr Carrasco, exibida na rede globo, às 19:00 horas, entre 18 de Junho à dia 15 de fevereiro de 2008; “ainda presente em nossa memória).

⁷⁶ Já citado no capítulo anterior

⁷⁷ “É (também) por meio da mídia que diariamente observamos imagens de femininos e masculinos construídos [...].Representações a cerca de gênero, apresentando sexualidades, modos de comportamento, tipos de corpos, diferentes estilos de vida”. Lembra-nos Ruth Sabat. Ver: SABAT, Ruth. “Gênero e sexualidade para consumo”. In: Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação/ Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P. 153-154.

Amélia (sic)? Ta explícito mesmo; as bandas hoje é tudo fazendo gestos obscenos, além de falar verbalmente, ainda mostra na prática, como o tal CUELHINHO, perguntando se é você que quer meu CÚ [...].

Para não compreender, mas tentar uma interpretação (deveras rápida, talvez por isso epidérmica) sobre esse universo simbólico das músicas que mexem com sensações e sensibilidades quase “mágicas”. Por descontínuo que possa parecer tal momento, estamos no momento cartático de afunilamento de questões que já vêm sendo repensadas, levando como fio condutor negociações de gênero e masculinidade na Cubati contemporânea. Sendo assim, como sinaliza Sabat, o discurso midiático tocado nos ditos de Batista, traz relações intrínsecas às representações de mundo que denuncia, e “quando a publicidade fala também estamos falando”.

Além da fala, para Batista “*Ta explícito mesmo, as bandas hoje é tudo fazendo gestos obscenos além de falar verbalmente, ainda mostra na prática*”. E não há como fechar no contêiner esse espaço discursivo, pois “*você vê crianças de três anos cantando, é mesmo que mandando fazer*”. E esses ditos revelam esse lugar de desterritoriamento, que crianças são essas? Que jovens vão ser esses? Já vemos jovens falando eu bejei dez⁷⁸. E não há delimitação de gênero, é uma nodosidade que insere e ver-se inserido por homens, mulheres de gerações diferentes e *interesses múltiplos* que carregam em si o prefixo *pós...* Em uma apelação a libido, que -às vezes- desautoriza ações simples e ingênuas, que na banalização da sexualidade⁷⁹, são tidas como “segundas intenções”, e isso trás conseqüências pouco legais!

Como coloca-nos Batista, “*Hoje ninguém quer ser Amélia né(sics)?*” Novamente estamos amedrontados em fazer desse texto um discurso polarizador, onde antes tudo era muito preso e seguro; hoje é muito solto e desterritorializante. É da constante aglutinação de ontens e hojes que nos forjamos nas artes das escolhas e do fazer. De forma vivificante, multicultural e em aberto...

⁷⁸ No livro “Amor líquido”, Bauman lança mão de uma análise contemporânea dos relacionamentos pós-modernos, frágeis, líquidos, fugases, desterritorializante... Agindo por vezes de forma tendenciosas a determinismos, do hoje muito solto e do ontem muito preso. Entretanto, suas percepções da fragilidade dos laços humanos é deliciosamente bem trabalhada. Para saber mais ver: BAUMAM, Zigmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos/____; tard. Carlos Alberto Medeiros. _ RJ: Jorge Zahar, 2004

⁷⁹ Para Mafesoli, além da proliferação dos produtos, o consumo em massa permitiu rituais de sedução onde simbolicamente “vende-se o peixe do sexo”, em especial pós-revolução-sexual. Ver suas contribuições na produção já citada

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há possibilidades de construir uma história do gênero masculino na Cubati Contemporânea, talvez faltasse alguém proposto a isso. Não há espaço aqui, para uma história que busca esgotar e representar a verdade una e homogênea desses múltiplos espaços em metamorfoses. O caminho ao qual escolhemos e agora já podem dizer-se apresentados por terem enveredado conosco nesse, conta com uma interdependência e muitas co-dependências, em processos, que não se fazem aqui interessantes de serem re-mencionados, pois foram vários autores acadêmicos e ordinários que trocaram de lugares a todo tempo; usados interessada e prazerosamente para (re)formulação dessa teia discursiva.

Parte dessa teia tornou-se possível em um exercício ambivalente de prazer e muito trabalho. Buscar sujeitos experienciais, vivenciar esse *estar junto*, envolver-se emocional e teoricamente com esse universo labiríntico da oralidade, que passou a desprender-se dessa roupagem, no momento de transcrição e escrituração dos relatos. Uma metamorfose de muitas perdas, mas também de muitos ganhos, representados nos resultados da produção. Mais que isso, talvez, sejamos - por ora - o veículo de histórias plurais e merecidas desse deslocamento, que redimensiona novos lugares de escuta, fala, diálogo.

Do seu Zé de 86 anos a Karina de 18, se fez possível tentar levantar uma análise geracional-relacional; mesmo se aqui não fosse retocada essas intenções. Pois suas falas denunciam e legitimam lugares horizontais em negociações possíveis a serem comparadas e problematizadas nessa confluência de ontens e hojes nos lugares de fala.

Um movimento que nos leva a parar - por alguns instantes - e escutar, nos permitindo sentirmo-nos envolvidos e envolventes em tramas sagazes, honestas, complexas, fingidas, protetoras... Que nos colocam no lugar daqueles que espiam e são espiados no “big brother” do chão do dia-a-dia de infinitos espetáculos, encenações e negociações que circulam relacionalmente esses múltiplos espaços...

E isso, é rico, é tateável, mas não é verdadeiramente imutável, como a metáfora do brinco sem tarraxa da introdução, que permite sem muita resistência ser retirado do lugar. Uma construção que possibilita os relatos *estarem* como se apresentam, mas podem desmanchar-se e tomar outras formas, refazendo-se dentro de alguns instantes. Pois tais negociações remexem com muitas sensibilidades, interessantes de serem aqui sentidas nos entremeios das narrativas, na *flexibilização* das interpretações que denotativa ou

conotativamente estão em releitura... É estar entre a humildade de não deslegitimar, mas a sapiência de desconfiar do que se busca mostrar substancialmente pré-determinado.

Para além, foi possível embarcar em leituras de mundo que de formas múltiplas, próximas e distantes fizeram e refizeram repensarmos os ambientes "inseguros", "estranhos", "caóticos", "frágeis" que se forjam, nesse caso, em Cubati em um ininterrupto processo de circularidade.

Uma leitura que como em um mosaico, passou-se a forma agora vista, a partir do "efeito colagem" de outras tantas (da fala à escrita); nos entremeios dos lugares de experimentação em relações intrinsecamente interdependentes.

Formas outsiders, onde "os de fora" - por alguns instantes, simulacros - confundem-se com "os de casa"; aqueles confiáveis (sentimos isso, nos relatos que dimensionaram cenas inesperadas, carregadas de ditos e não ditos imprescindíveis à pesquisa, possibilitando uma relação menos defensiva). Felizmente pudemos sentir isso, a ponto de re-conhecer que uma outra gama complexa de relatos está à espera de novos espaços para fazer-se ouvir, falar, interagir...

Para além, na interpenetração das narrativas que nos foram cedidas, a vontade de pensar uma história do gênero masculino, revestia-se de sensações e rearranjos que nos possibilitasse ler (uma das leituras possíveis, pois por esse ponto passam infinitas retas) relatos que transpassam os sujeitos históricos, colocando-os em lugares de tangências, intercruzamentos, a saber, esse momento de desterritorialidade, estranhamento, ambivalência, ***nodosidade***.

Esse último seria um dos escorregadios conceitos que podem identificar algumas das mensagens textuais mais presentes nos interdependentes momentos de produção. Onde o sujeito masculino cubatiense e suas múltiplas redes de interconectividade tornam-se uma nódoa confusa, descentrada, plural e aberta...

Sendo assim, “*O texto tal-como-produzido é um objeto diferente do texto tal-como-lido*”, lembra-nos Johnson⁸⁰ e agora relembremos ao leitor! Em uma leitura que já rendemos-nos apaixonadamente. Sendo assim, nos *usem* e abusem na espera que sejamos úteis...

⁸⁰ JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, Estudos Culturais?”. In: O que é, afinal, Estudos Culturais? / Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3.ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica; 2006. 240 p. – (Estudos Culturais, 2). P. 09-131.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste- 1920/1940)** _____. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ARIÈS, Philippe. “A família”. In: **História Social da criança e da família** _____. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LCT. 1978.

BAUMAM, Zigmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos/**_____; tard. Carlos Alberto Medeiros. _ RJ: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAM, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade/**_____; trad. Mauro Gama, Claudia Martinelli Gama. – RJ: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAM, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas/**_____; tard. Carlos Alberto Medeiros. _ RJ: Jorge Zahar, 2005.

BERMAM. M. “Introdução: modernidade ontem, hoje e amanhã”. In: **tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: companhia das letras, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989. P. 23.

CASTELLS, Manuel. “Paraísos comunais: identidades e significado na sociedade em rede”. In: **O poder da identidade / volume II** / trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. P.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações** / trad. Maria manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1990. P. 13-30; 121-139;

Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil / Antônio Augusto Arantes [et al.]. – 3.ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP,1994..

DARTON, Robert. “Bons vizinhos”. In: **O beijo de lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DE CERTEAU, Michel. “A Operação Historiográfica”. In: **A Escrita da História**”. RJ. Universitária, 1982

DE CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**/ trad. Ephraim Ferreira Alves – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. In: **A Ordem do Discurso** _____ (tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio). Edições Loyola, São Paulo, 1996.

FRANÇOIS, Dosse. “A oposição História/Memória”. In: **História e Ciências sociais** _____. Bauru, SP: EDUSC, 2004. P. 169-191.

GAIARSA, José Ângelo. **O espelho mágico: um fenômeno social chamado corpo e alma** / _____. – São Paulo: summus, 1984.

GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade** / trad: Plínio dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação de *Eu* na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985

HABERT, Pierre Marie. **Dicionário da sexualidade**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

HALL, Stuart. “A identidade em questão”. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**/ ____; trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 4.ed. – RJ: DP&A, 2000. P. 7-46.

JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, Estudos Culturais?”. In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** / Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3.ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica; 2006. 240 p. – (Estudos Culturais, 2). P. 10;

JUSTO, José Sterza. “A psicanálise lacaniana e a educação”. In: CARRARA, Kester (org). **Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens**. São Paulo. Avercamp, 2004. P. 97.

LOPES, Rosana Pereira. “Um novo professor: novas funções e novas metáforas”. In: **Redes Digitais e Metamorfose do Aprender**/Hugo Assmam (org), Rosana Lopes, Rosemere Carvalho do Amaral Delcin, Gilberto Canto, Getúlio de Souza Nunes. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006. P. 38.

LYPOVETSKY, Gilles. “A pós-mulher no lar”. In: **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino/** _____; trad. Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 218-236.

MAFESOLI, Michel. “O retorno das emoções sociais”. In: **Metamorfose da cultura/** Fernando Schuler e Juremir Machado da Silva (orgs.). – Porto Alegre: Sulina. 2006.

MENEZES, Marilda A; ARNAUD AIRES, Lúcia M; DE SOUSA, Maria R. “Construindo narrativas orais: interações sociais no trabalho de campo”. In: **Cadernos de Campo: revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia Social da USP**. Ano 13. 2004. P. 62.

MOORE, Henrietta. **Antropología y feminismo**, Madri: Cátedra, 1996.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “‘Rebolando com o magistério’: o professor e as relações de gênero no período modernista – um estudo de caso sobre Anayde Beiriz”. In: **MNEME: Revista de Humanidades**, Rio Grande do Norte, v.1, 2000.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. “Que homem é esse? O masculino em questão”. In: (originalmente publicado como em Sócrates Nolasco (org.) **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, pg. 53 a 58. Reproduzido com autorização do autor). Disponível no site: <http://www.artnet.com.br/messeder#nota%201>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar”. In: _____ **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINKER, Steven. “Gênero”. In: _____ **tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**; tradução Laura Teixeira Motta. – SP: Companhia das Letras, 2004. P. 456-502

REIS, José Carlos. **História & Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. In: _____. 3.ed. - RJ: Editora FGV, 2006.

RAGO, Margareth. “O efeito Foucault na Historiografia brasileira”. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/revistas/tempo-social/v71e2/rago7.html>

SABAT, Ruth. “Gênero e sexualidade para consumo. In: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação/** Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P. 153-154.

SANTOS, Boaventura. **A crítica à razão indolente. Contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez, 2001.

SCHUMAN, Norma. “O Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham: uma História intelectual”. In: **O que é, afinal, Estudos Culturais?** / Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3.ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica; 2006. 240 p. – (Estudos Culturais, 2).

SHIRAHIGE, Elena Stsuko; HIGA, Marília Matsuko. “**A contribuição da Psicanálise à Educação**”. In: CARRARA, Kester (org). **Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens.** São Paulo. Avercamp, 2004.

SHULLER, Fernando. “Metamorfoses da modernidade”. In: **Metamorfose da cultura/** Fernando Schuler e Juremir Machado da Silva (orgs.). – Porto Alegre: Sulina. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/** _____ (org.). Stuart Hall, Kathlyn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 73-102.

SOUSA, Valquíria Alencar de. **Um olhar de gênero nas temáticas sociais /** _____. João Pessoa: Idéia, 1997. P.

STEARNS, Peter N. “Causas de mudanças e o modelo moderno de infância: avanços no ocidente, do século XVIII a 1914. In: _____ **A infância;** [tradutora Mirna Pinsk]- SP: contexto, 2006. – (coleção história mundial).

TREBITSCH, Michel. “A função epistemológica e ideológica da História oral no discurso da História Contemporânea”. In: **História Oral e Multidisciplinaridade /** org. Marieta de Moraes Ferreira / trad. Monique Augras. SP. Diamorim, 1994. P. 19.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos Culturais em Educação.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. P. 40.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. “O ator”. In: **Comédias para se ler na escola/** _____; Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RELAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevista nº. 1 com Rafael Ferreira da Silva concedida à autora dia 12 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 2 com Karina Katiússia de Lima Costa concedida à autora dia 14 de janeiro de 2008.

Entrevista nº.3 com Maria das Neves Cassimiro de Lima concedida a autora dia 14 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 4 com José Barros de Medeiros concedida à autora dia 14 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 5 com Antônia Carlos da Rocha concedida à autora dia 15 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 6 com José Batista Barbosa concedida à autora dia 15 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 7 com Janicleide Nogueira concedida à autora dia 15 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 8 com José Fratelo de Medeiros (Sabrina Pavanelly) concedida à autora dia 19 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 9 com José Altemir da Silva (Keethelen Marrone) concedida à autora dia 14 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 10 com Kiara Carallynne Pereira de Souza concedida à autora dia 14 de janeiro de 2008.

Entrevista nº. 11 com Marta Morganna Oliveira Souto concedida à autora dia 14 de janeiro de 2008.